ISSN - 2184-7045

REVISTA da Casa de Goa

II Série - Número 10 - Mai/Jun 2021

II Series - Issue 10 - May/Jun 2021

Ficha Técnica

II Série, Número 10, Maio-Junho 2021

Diretor
Vasco Soares da Veiga (Portugal)

Conselho Editorial
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Colaboradores Residentes
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Colaboram neste número
Armand Rodrigues (Canadá)
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Gilbert Lawrence (EUA)
José Filipe Monteiro (Portugal)
José Venâncio Machado (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Philomena Lawrence (EUA)
Ralph de Sousa (Goa)
Sheela Kolambkar (Mumbai)

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

Design/Diagramação
Juliano Martins Mariano

Assistente Editorial
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Casa de Goa.
ISSN 2184-7045

Sucede aos números anteriores de (ordem alfabética) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter e Revista da Casa de Goa, publicados entre 1989 e 2019.

Publicidade comercial e donativos – contato: geral@casadegoa.pt

Capa: Mercado Municipal de Pangim (cortesia: Daniel Virella)

Technical Datasheet

II Series, Issue 10, May-June 2021

Director
Vasco Soares da Veiga (Portugal)

Editorial Board
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Resident Contributors
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Contributors to this issue
Armand Rodrigues (Canada)
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Gilbert Lawrence (USA)
José Filipe Monteiro (Portugal)
José Venâncio Machado (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Philomena Lawrence (USA)
Ralph de Sousa (Goa)
Sheela Kolambkar (Mumbai)

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

Design/Layout
Juliano Martins Mariano

Editorial Assistant
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Casa de Goa
ISSN 2184-7045

This publication follows previous issues of (alphabetic order) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter, and Revista da Casa de Goa, published between 1989 and 2019.

Commercial advertising and donations – contact: geral@casadegoa.pt

Cover: Panjim Municipal Market (courtesy: Daniel Virella)

NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

2.2.1. Artigo Original (limite de 4000 palavras e 8 figuras)

2.2.2. Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.3. Personalidade (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.4. Opinião ou Crónica (limite de 1500 palavras)

2.2.5. Conto (limite de 1500 palavras e 1 figura)

2.2.6. Ecologia e Ambiente (limite de 2000 palavras e 4 figuras)

2.2.7. Cantinho do Concani (limite de 2000 palavras)

2.2.8. Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.9 Crítica de Livro (Limite de 1500 palavras e 1 figura)

2.2.10. Carta ao Diretor (limite de 400 palavras e 1 figura)

2.2.11. Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos são submetidos à aprovação do Diretor, enviados por correio eletrónico para geral@casadegoa.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico é opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês. Exceção é feita ao Espaço do Concani, para artigos publicados em concani romano com a tradução para português.

Se algum artigo original exceder o limite de palavras, este poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista. Em casos excecionais e por decisão editorial, o limite de palavras figuradas pode exceder o acima referido.

Pontualmente poderão ser adicionadas outras secções, de acordo com o tipo específico dos artigos (depoimento, poema, etc).

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente, não sendo obrigatório para artigos com menos de 1500 palavras. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao da versão integral do artigo.

Todos os artigos submetidos são sujeitos à apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e de divulgação livre.

As opiniões expressas nesta Revista não traduzem as ideias e pontos de vista dos editores, mas sim a dos próprios autores

EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections as given below, in which articles may have a limit of words and illustrations.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

2.2.1. Original Article (word limit 4000, maximum six ilustrations)

2.2.2. Outstanding Goans (word limit 2500, maximum four illustrations)

2.2.3. Personality (word limit 2500, maximum four illustrations)

2.2.4. Opinion or Feature (word limit 1500)

2.2.5. Short Story (word limit 1500, maximum one illustration)

2.2.6. Ecology and Environment (word limit 2000, maximum four illustrations)

2.2.7. Konkani Corner (word limit 2000)

2.2.8. Interview (word limit 2500, maximum four illustrations)

2.2.9 Book review (word limit 1500, maximum one illustration)

2.2.10. Letter to the Director (word limit 400, maximum one illustration)

2.2.11. News (word limit 250, maximum one illustration per new)

Publication Norms

Articles submitted for publication should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

Articles are to be emailed to the Director at geral@casadegoa.pt for approval.

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English. An exception is made for the Konkani Corner, dedicated to articles published in Konkani language in Roman script, with translation into Portuguese.

If an original article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of the Revista da Casa de Goa. In exceptional cases and according to the editorial decision, the limit of words and illustrations may exceed the aforementioned.

Other sections may be added occasionally, according to the specific type of articles (testimony, poem, etc.).

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) in up to 150 words, respectively, not mandatory for articles with less than 1500 words. If the author is not skilled in writing in both languages, the Revista da Casa de Goa undertakes to translate to the other language based on the full version of the article.

Articles submitted for publication are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, or subject to suggested changes, or not accepted at all.

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora associations and newspapers in Goa. This is an open access magazine, free to share.

The opinions expressed in this magazine do not reflect the ideas and points of view of the editors, but rather those of the authors themselves.

ÍNDICE | TABLE OF CONTENTS

Página
Page

EDITORIAL

Estar agradecido e desejar o melhor | Being thankful and wishing the best - *Vasco Soares da Veiga* **6-7**

Novos temas, novos rumos | New themes, new paths - *Óscar de Noronha* **8-9**

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

A lenda de Raitollem | The legend of Raitollem – *Celina Velho e Almeida* **10-13**

Lisboa – Goa: A primeira travessia aérea | Lisbon - Goa: the first air crossing - *Francisco da Purificação Monteiro* **14-16**

The concelebration of 153 masses in Velha Goa, in 1949. A unique event in the Catholic world | A concelebração de 153 missas em Velha Goa, em 1949. Um acontecimento único no mundo católico – *José Venâncio Machado* **17-20**

Why and how colonial Britain recruited Goans | Porquê e como a Grã-Bretanha colonial recrutava Goeses - *Philomena Lawrence and Gilbert Lawrence* **21-25**

CRÓNICA | FEATURE

Of rivers, boats & ferry tales | Dos rios, barcos e contos de balsas - *Ralph de Sousa* **26-28**

Second World War intrigue in sleepy Goa | A intriga na Segunda Guerra Mundial numa Goa adormecida – *Armand Rodrigues* **29-31**

PERSONALIDADE | PERSONALITY

Paulino Dias: O poeta da mitologia hindu | The poet of hindu mythology - *Francisco da Purificação Monteiro* **32-35**

CANTINHO DO CONCANI | KONKANI CORNER

Nillu - Sheela Kolambkar-hachi lhan kotha - Dusro bhag | Nillu - Um Conto de Sheela Kolambkar – Parte II - *Sheela Kolambkar* **36-44**

ENTREVISTA | INTERVIEW

Interview with Maureen Álvares | Entrevista a Maureen Álvares – *Óscar de Noronha* **45-48**

CRÍTICA DE LIVRO | BOOK REVIEW

Entre dois Impérios – Viajantes Britânicos em Goa (1800-1940), de Filipa Lowndes Vicente | Between Two Empires - British Travelers in Goa (1800-1940), by Filipa Lowndes Vicente - *José Filipe Monteiro* **49-51**

NOTÍCIAS | NEWS

Parceria editorial entre a Revista da Casa de Goa e The Global Goan | Editorial partnership between Revista da Casa de Goa and The Global Goan **52**

Nacionalidade e Estrangeiros de Edgar Valles | Nationality and Foreigners by *Edgar Valles* **53**

PRÓXIMOS NÚMEROS | UPCOMING ISSUES

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

Os goeses católicos de Lisboa: a relação com a terra de origem entre memória e construção de pertença | Goan Catholics of Lisbon: the relation with Goa between memory and belonging - *Chiara Panizi*

Perspectiva Global sobre a diáspora goesa | An overall view about Goan diaspora - *José Filipe Monteiro*

Factors forcing Goan out-migration in the 18th to mid-20th century | Factores que estiveram na origem da emigração goesa do século XXVIII a meados do século XX - *Philomena Lawrence & Gilbert Lawrence*

A história da imprensa portuguesa em Goa (1831-1963) | The history of Portuguese press in Goa (1831-1963) - *Francisco da Purificação Monteiro*

Alfândega de Goa | Goa Customs – *Celina Velho e Almeida*

CRÓNICAS | FEATURES

Dia de Júbilo para os Goeses | Day of Joy for Goans – *João Pacheco de Figueiredo*

A diáspora goesa | The Goan diaspora – *Valentino Viegas*

Goans and a move to greener pastures – *Armand Rodrigues*

Displaced People Re-Settled Successfully – *Armand Rodrigues*

Vagueando por Tiswadi – *Mário Viegas*

Covid derails Goan Overseas Association (Toronto) anniversary celebrations – *Armand Rodrigues*

PERSONALIDADE | PERSONALITY

Fr. Vasco do Rego: his contribution to Church and Konknni | Fr. Vasco do Rego: sua contribuição para a Igreja e Concani - *Pratapananda Naik, S.J.*

Mário Miranda: Um homem de cultura e um criador de talento | Mário Miranda: A man of culture and creative talent - *Adelino Rodrigues da Costa*

CANTINHO DO CONCANI | KONKANI CORNER

Concani em poesia | Konkani in poetry – *Óscar de Noronha*

CRÍTICA DE FILME E DE LIVRO | FILM AND BOOK REVIEW

In Concert with the World, directed by Isabel de Santa Rita Vás | Em Concerto com o Mundo, dirigido por Isabel de Santa Rita Vás - *Maria Ana Barbosa Noronha e Costa*

Goa and the Great Mugal, by Nuno Vassalo e Silva and Jorge Flores | Goa e o Grande Mongol, por Nuno Vassalo e Silva e Jorge Flores – *José Filipe Monteiro*

ENTREVISTA | INTERVIEW

Manuel Pereira da Costa - história e experiências das minas em Goa | Manuel Pereira da Costa - story and experiences of mining in Goa - *Óscar de Noronha*

ESTAR AGRADECIDO E DESEJAR O MELHOR

BEING THANKFUL AND WISHING THE BEST

Vasco Soares da Veiga

Presidente da Direção da Casa de Goa

Diretor da Revista da Casa de Goa

President of the Board of Casa de Goa

Director of the Revista da Casa de Goa

A Casa de Goa acabou de eleger os seus novos membros para todos os órgãos sociais, para um novo mandato.

Em momentos tão difíceis de confinamento e de solidão, a Revista da Casa de Goa manteve-nos em contacto com matérias relativas a Goa, Damão e Diu e, portanto, com tempos e memórias mais felizes, através dos olhos dos seus ilustres correspondentes e autores dos respetivos artigos. A alta qualidade destes artigos chamou a atenção dos leitores, quer em Portugal, quer noutros países.

Por isso as minhas primeiras palavras, como Presidente da Direção e Diretor da Revista da Casa de Goa, são de profundo reconhecimento e agradecimento ao Conselho Editorial e ao designer da revista, pelos seus esforços e grande sucesso. O estudo e a divulgação da nossa cultura é um dos objetivos principais da nossa associação.

Agora nós acostumámo-nos a esperar por mais artigos, que estamos ansiosos por ler e por partilhar com parentes e amigos, sem mencionar outras associações e instituições que também estimam estas matérias, e que podem realmente aproveitar com o conhecimento da nossa cultura.

Por isso as minhas segundas palavras são para desejar ao Conselho Editorial e ao designer, em nome da nossa associação, dos seus sócios e amigos, a melhor sorte para os anos que se seguem, começando pelo presente número da revista. Contamos com a sua força e paciência para continuarem a pesquisar os

Casa de Goa has just elected its new members for all social Boards, for a new mandate.

In such difficult times of confinement and solitude, the Revista da Casa de Goa has kept us in touch with subjects concerning Goa, Daman and Diu, and therefore with happier times and memories, through the eyes of the learned correspondents and writers of the respective articles. The high quality of these articles has drawn the attention of readers, both in Portugal and in other countries.

So my first words, as President of the Board of Directors and Director of the Revista da Casa de Goa, are of deep appreciation and thankfulness to the Editorial Board and the designer of the magazine, for their efforts and great success. Studying and making known our culture is one of the main purposes of our Association.

We have now grown used to expecting more articles, that we are anxious to read and often share with relatives and friends, not to mention other associations and institutions that also praise these subjects and can actually profit from the knowledge of our culture.

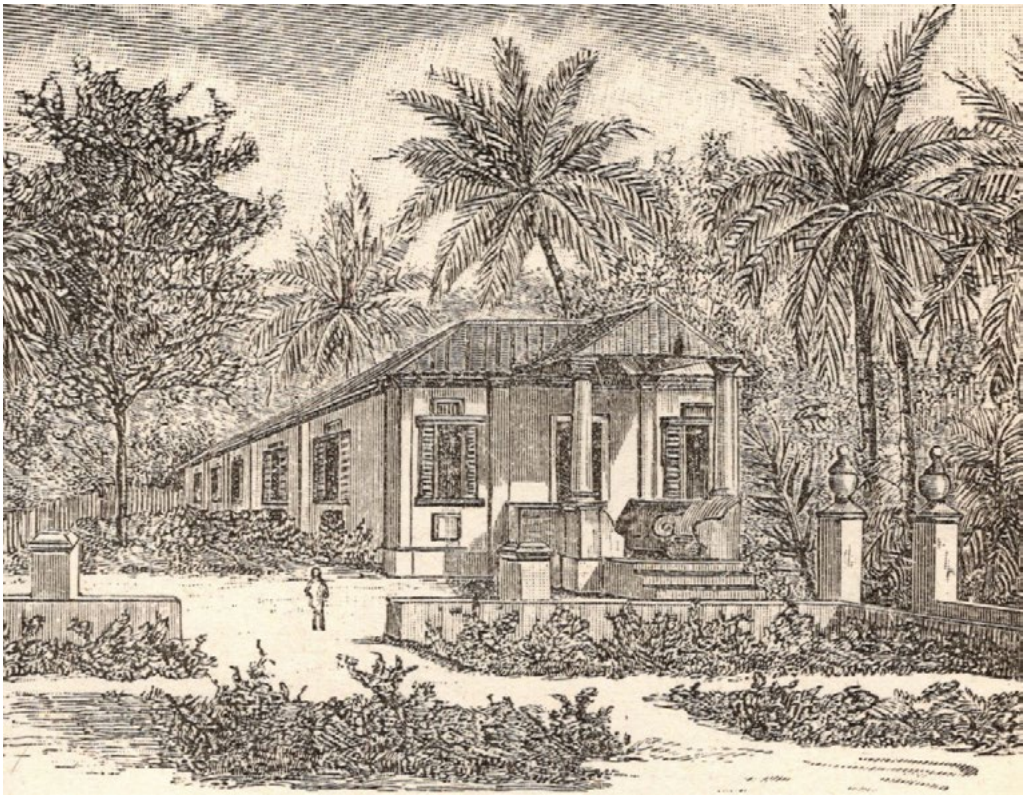
So my second words are to wish the Editorial Board and the designer, on behalf of our association, its members and friends, the best of luck for the coming years, starting with this new issue of the magazine. We count on their strength and patience to continue searching for relevant authors and subjects, to record and spread our unique culture through our

autores e os assuntos relevantes, a registar e a divulgar a nossa cultura única pelas nossas comunidades e fora delas também. Todos conhecemos pessoas que não tinham tido contacto com Goeses, ou com a nossa cultura, mas que estão curiosos e desejosos de aprender sobre ela, especialmente sobre a nossa atitude em geral sobre a vida, de tolerância, boas maneiras e alegria de viver.

Muitas felicidades

communities and outside them too. We have all met people who have had no contact with Goans, or our culture, but are curious and eager to learn about it, especially about our general attitude towards life, of tolerance, good manners and joy of living.

Best wishes



Casa de Campo em Cussemane (In: A. Lopes Mendes, *A India Portugueza*, Imprensa Nacional, 1886, Vol. I)

NOVOS TEMAS, NOVOS RUMOS

NEW THEMES, NEW PATHS

Óscar de Noronha

Editor Associado Goa

Associate Editor, Goa

Como que num piscar de olhos chegámos ao 10.º número da nossa querida *Revista*. Queira Deus que a possamos acompanhar durante o tempo que for necessário. Não é só um projecto gratificante; é um trabalho importante – dir-se-ia, premente – nos tempos conturbados em que vivemos. Por isso, *vivat, crescat et floreat* são os nossos votos.

Nunca foi tão urgente, como o é agora, recuperar o passado para o bem do tempo presente e garantia do futuro. Na verdade, está em jogo a vivência goesa, esse modo de estar tipicamente indo-português. Infelizmente, com a velocidade estonteante em que gira o nosso mundo pessoal e colectivo, pouco tempo nos resta para reflexão, para não falar de acção. Por isso, importa que a nossa agenda seja a de reunir o pessoal e pôr mãos à obra.

O acto de reunir os Goeses dispersos pelo Mundo nunca superou, na nossa *Revista*, aquilo que presenciamos na presente edição, que tem colaboradores das diásporas luso e anglo-goesas. Temos de tudo: uma lenda de Goa pré-cristã e animista, tal qual narra Celina Velho e Almeida, residente em Goa, até à história duma intriga, pouco conhecida, que se passou em Goa, na época da Segunda Grande Guerra, a qual é contada pelo novo colunista, Armand Rodrigues, que vive no Canadá.

Também pouco conhecida da geração moderna é a história da grande aventura que foi a primeira travessia aérea Lisboa-Goa, relatada aqui com pormenor pelo goês lisboeta Francisco Monteiro. De igual modo, o casal Philomena e Gilbert Lawrence, nossos novos colaboradores, de Nova Iorque, dão uma vista

In the blink of an eye we have arrived at the tenth issue of our dear Revista. God willing, we will hold fast to it as long as it is deemed necessary. It is not just a gratifying proposition; it is an important project – a pressing one indeed – in the troubled times we live in. All we wish for our magazine is: Vivat, crescat et floreat.

It has never been more urgent than now to recover the past for the sake of the present and as a promise for the future. At stake is the Goan way of life, that typically Indo-Portuguese way of being. Alas, given the dizzying pace at which our personal and collective worlds spin, we are left with little time for reflection, let alone action. Hence, we must gather likeminded people and put our shoulders to the wheel.

In our magazine, the convergence of Goans worldwide has never been as good as in the present issue. We have attracted writers from the Luso- and Anglo-Goan diasporas, presenting a bit of everything: from a Goan legend of pre-Christian and animistic times, as narrated by the Goa-based Celina Velho e Almeida, up to that story of a little-known intrigue that transpired in Goa, at the time of World War II, as told by Armand Rodrigues, our new, Canada-based columnist.

The modern generation is just as much unlikely to know of the great adventure that was the first air crossing from Lisbon to Goa, details of which are reported by Francisco Monteiro, a Goan settled in Lisbon. Next, Philomena and Gilbert Lawrence, our first-time writers from New York, give a bird's eye view

panorâmica da secular ligação entre o povo goês e a Grã-Bretanha, que começou com a breve ocupação de Goa pela tropa inglesa, no fim do século XVIII, e continuou com o recrutamento comercial de goeses por aquele país.

Os nossos leitores irão também deliciar-se com três micro-histórias de Goa, não de somenos importância: José Venâncio Machado, radicado em Portugal, lembra-se com emoção das 153 missas celebradas simultaneamente no largo que estadeia entre a Sé e a Basílica, na Velha Cidade de Goa; Ralph de Sousa relata com verve o vaivém silencioso e apressado de gentes nos transportes fluviais de Goa; e Francisco Monteiro retrata a figura de Paulino Dias, uma das maiores figuras da literatura indo-portuguesa, a quem apelida de "poeta da mitologia hindu".

Ainda no campo literário, temos Sheela Kolambkar, escritora goesa da língua concani, hoje estabelecida em Bombaim, cujo conto, além de transliterado em caracteres romanos, é também traduzido em português pelo signatário destas linhas; e, mais além, Maureen Álvares, numa entrevista comigo, fala do estado actual da língua e cultura portuguesa no território goês.

Para terminar, no contexto da notícia do lançamento do livro *Nacionalidade e Estrangeiros*, de Edgar Valles, e a crítica feita por José Filipe Monteiro ao livro *Entre dois impérios*, de Filipa Lowndes Vicente, volto a realçar que nesta edição da nossa *Revista* vemos ampliada a nossa visão do Goês como verdadeiro cidadão do Mundo.

Como pano de amostra da nova vitalidade que nos brinda enquanto chegamos à bonita idade de dez edições temos a parceria entre a nossa *Revista* e *The Global Goan*, sediada na Oceania. Na verdade, "se mais um mundo houvera, lá chegara".

É claro que, ao fim e ao cabo, o importante não é chegar algures mas, sim, fazer algo de bom e belo. Eis a *Revista da Casa de Goa*, a menina dos nossos olhos, que tem o condão de produzir novos temas e novos rumos. Mas não paremos por aí. Olhemos atentamente para os gravíssimos problemas da actualidade goesa e sejamos o fulcro dum plano de acção conjunta da nossa comunidade espalhada pelo mundo, em prol da nossa sempre amada Goa.

of the centuries-old connection between Goa and Great Britain: starting from our land's brief occupation by English troops, at end of the eighteenth century, the connection lingered with that country's commercial recruitment of Goans.

Our readers will also be delighted to see three notable micro-narratives from Goa: José Venâncio Machado, a Goan based in Portugal, speaks nostalgically of 153 masses celebrated simultaneously at Old Goa's public square located between the Cathedral and the Basilica; Ralph de Sousa recounts with verve the silent and hurried shuttling of people on Goa's river transport systems; and Francisco Monteiro portrays Paulino Dias, one of the greatest figures of Indo-Portuguese literature, whom he dubs a "poet of Hindu mythology".

Still in the literary field, we have a Goan, Bombay-based writer in Konkani, Sheela Kolambkar. Besides transliterating one of her short stories into Roman script, yours truly has also translated it into Portuguese; and as for Maureen Álvares, she speaks to me about the current state of the Portuguese language and culture in Goa.

Finally, the launch of Nacionalidade e Estrangeiros [Nationalities and Foreigners], by Edgar Valles, and José Filipe Monteiro's review of Entre dois impérios [Between Two Empires], by Filipa Lowndes Vicente bring to the fore, yet again, that that this edition of our Revista broadens our concept of Goans as true citizens of the world.

As a toast to a new vitality, as we touch our tenth issue, we have struck a partnership with the Australia-based The Global Goan. In fact, "se mais um mundo houvera, lá chegara": if there were another world, we would have set foot there as well.

However, it matters less where we set foot; more important it is to engage in things noble and charming. Behold the Revista da Casa de Goa, the apple of our eye: it is poised to set out new themes and go along new paths: this includes a close look at the very serious problems facing Goa today. And we could well be at the hub of a concerted action plan devised by the worldwide Goan community, in the long-term interest of our motherland.

A Lenda De Raitollem

The Legend Of Raitollem

Celina de Vieira Velho e Almeida

Master's of arts and Education. Goa and Bombay/Mumbai Universities, Goa.

Bacharel em Pedagogia e Letras, Mestre em Português e Pedagogia, pelas Universidades de Goa e Bombaim/ Mumbai, Goa.

Resumo
A lenda é uma narrativa, oral ou escrita, de acontecimentos duvidosos, fantásticos ou inverosímeis. Depende de o leitor considerá-las verídicas ou não. Nesta lenda, a ganância transforma Vassu num ser infernal, o que leva à sua destruição e a da sua família.

Abstract
The legend is a narrative, oral or written, of dubious, fantastic, or improbable events. It depends on whether the reader considers them to be true or not. In this legend, greed turns Vassu into an infernal being, which leads to his and his family's destruction.

Era Setembro e as fúrias das monções do Sudoeste não se tinham abrandado ainda. Os montes e as veredas tinham-se colorido com simetria de tons verdes. O céu não era sempre azul. As nuvens cinzentas e pesadas escondiam o sol.

Vassu, pedreiro de profissão, esperava ansiosamente por estes sinais da Natureza para subir os íngremes e escorregadios Gates Ocidentais.

Ele tinha uma missão a cumprir: finalizar o casamento do seu filho Sonu com a esbelta Gongee, filha do seu primo Lokesh, que vivia com os seus pais na encosta dos montes escarpados. Os valores e as regras da comunidade não aceitavam casamentos por amor.

Os montes, os trilhos, os charcos que a chuva escavava nas ladeiras, não eram acidentes orográficos

It was the month of September and the fury of the south west monsoons had not yet faded away. At this time of the year, the mountains and the pathways paint themselves with all shades of green. Sometimes, the sky appears blue when the rain clouds do not hide the sun.

Vassu, the goundi, was just waiting for this season to climb the rugged Ghats to visit his cousin Lokesh. He had to confirm the marriage arrangements of his son Sonu, to the dainty Gongee, the daughter of Lokesh. That was an age when love marriages never happened in any community.

Vassu was not a stranger to the configuration of the Western Ghats. He knew the dense forests and the narrow pathways, the voluminous old trees, the stocky buffaloes, and the gentle goats that roamed

desconhecidos por Vassu.

A família da sua linhagem vivia em Motti, um povoado sumido nas densas florestas.

Vassu tinha emigrado para as planícies de Goa quando ela era conhecida como Govapuri, quando o Cristianismo era desconhecido em Goa, quando as gentes das aldeias eram animistas, embora houvesse um grupo que tinha os seus deuses e deusas em pequenos templos de terra vermelha.

Na sua segunda viagem a Goa, Vassu desceu os montes com os seus búfalos e cabras e parou em vários lugarejos para descansar, mas continuou a sua caminhada à procura de um espaço que via sempre nos seus sonhos: um lugar com várzeas cor de esmeralda, fontes que jorravam água límpida à espera de homens e de bois, riachos que fugiam rindo com os seixos e lagos atapetados de lótus.

Vassu parou no lugar dos seus sonhos: Cuddatari, Curtorim. Tinha templos rudimentares dedicado à Deusa Santeri, a deusa da sua predileção.

O homem mais feliz da povoação. A sua família aumentou, o seu trabalho duplicou, pois já o aceitavam, embora fosse de Além Gates. A sua alegria chegou aos píncaros quando lhe deram a adjudicação de construir dois aquedutos no tanque do templo da deusa Santeri em Sandivla.

A água do lago tinha de ser canalizada para as várzeas durante a plantação de vaingan e as dívidas do casamento do filho iriam ser pagas com esse novo contrato. Que consolo, pensou ele!

Como um bom pedreiro, Vassu iniciou, com o seu pessoal, um trabalho bem planeado. Construíram uma parte do canal e regressaram a casa contentes. Quando voltaram ao lago, no dia seguinte, para concluir as tarefas, verificou que alguém tinha destruído todo o seu esforço.

Mas Vassu era um homem com coragem… retomou o trabalho, labutou horas adicionais e completou uma grande parte do canal. No dia imediato, quando regressou ao lago, o seu coração estalou no peito… Nova destruição!

Continuou o trabalho e, naquela noite, negra como breu, ficou de vigia, escondido… Nem uma folha bulia, nem um transeunte se via, mas um silêncio fantasmagórico envolvia o lago!

O canal foi destruído de novo. Quem seria? O que

around. His relatives of the same gotra lived in Motti, a small hamlet hidden in the mountains.

He had migrated to the lowlands of Goa, when it was known as Govapuri, when Christianity was unknown in these plains, when gods and goddesses were worshipped in all the villages. Vassu had descended with his buffaloes and a few goats and stopped at various hamlets along the path to have a rest and to allow the animals to quench their thirst in the gurgling waters of the rivulets that criss crossed the muddy paths. In his hunt for a new site that he had seen in his dreams: endless emerald paddy fields, gushing streams that seemed to laugh, rivulets that ran hurriedly, verdant hillocks, lotus filled lakes, he halted at Cudttari. Yes, he thought to himself, this is the place! He chose to live in the vicinity of the temple of the Goddess Santeri at Sandivla.

Vassu's happiness was exhilarating. As his family grew, he started accepting contracts to build bunds, construct water channels, and reconstruct compound walls that were crumbling. He was excessively fortunate that people of Cuddtari trusted and endured him, albeit he being an outsider to the village component. He was overjoyed when he was awarded the tender to build two aqueducts in the tank of the temple. The water from the lake had to be transferred to paddy fields through channels during the dry months. It was an auspicious month, he thought, and the contract came to help him to pay the marriage debts of Sonu and Gongee.

Vassu started his work in earnest. He planned to build a strong water channel, but in phases. On the first day, they built a part of the channel and at the end of the day, they went back home happily. The next morning, when they returned to the lake, they saw to their utter disbelief that the work of the previous day had been destroyed. Vassu was a valiant man. He started all over again, worked overtime and completed a large part of the conduit. Destruction had struck the channel once more on the next day. On the night that followed, he decided to keep a watch. So, he completed the day's work and spent the night in the vicinity of the lake. The air was deadly still, sultry with silence and now and then on the flat surface of the lake a ripple passed by. There was no trace of anyone. The channel disappeared yet again. Vassu,

Figura 1. Lago de Raia com os seus pilares | *Raia lake with its pillars*

seria? O seu dinheiro, o seu esforço, a sua ambição no fundo do lago!

Lágrimas de desespero, orações, súplicas e promessas à Deusa, não foram convincentes. A destruição continuava com uma energia sem ceder. Consultou um oráculo que lhe disse que a Deusa Santeri só se apaziguava com a oferta de Gongee!

Gongee?? a sua esbelta nora que lhe ia dar um neto em breve?!! uma oferenda dessas à deusa?? Que tormento…

– Posso oferecer qualquer coisa em troca de Gongee, implore à deusa

– NÃO, ela só quer *Gongee!*

Parar a construção ou sacrificar Gongee?? Não hesitou. Gongee iria ser dada à Deusa. Na lua cheia, quando Sonnu, o seu filho se tinha ausentado para longe, Vassu pediu à sua mulher para vestir Gongee com o melhor sari que tinha e que lhe adornasse com todas as joias que ela tinha trazido. Não se arguia nem se questionava o marido. Obedecia -se! Vassu pegou num calão (cântaro) de metal e pediu à nora que o seguisse.

Era meio-dia. Um sol abrasador queimava os caminhos e as gargantas já sequiosas dos camponeses. Vassu aproximou-se da Raitollem e rogou a Gongee para descer ao lago e lhe trazer água fresca na bilha sem se inclinar. Gongee tentou seguir as instruções, mas não conseguia encher o calão.

– *Não posso encher o calão sem me inclinar.*

Mas Vassu, da margem do lago, insistia:

– *Encha a bilha sem se inclinar e traga-me água depressa.*

Gongee queixava-se de que a água já lhe chegava à

for the first time of his life entered into despair. His effort, his time, his money was wiped by an invisible hand at night. He turned to God, he prayed, he offered money and flowers to Santeri, the goddess of his devotion. But alas! It was of no avail. He visited an oracle who told him that all that the goddess wanted was Gongee.

Vassu was distraught! His daughter- in –law to be offered to Goddess Santeri?? He implored with the oracle to plead to the goddess for anything, apart from Gongee. NO said the oracle. The goddess wanted Gongee and only Gongee.

Vassu was in a dilemma: stop the construction or offer Gongee, who would be giving him a grandson before long. He chose the last option. His evil plans were to be his alone. On the next full moon phase, when Sonu was away at work he asked his wife to dress Gongee in her best sari, to bedeck her with flowers and jewellery. When the daughter–in law was ready, Vassu took a large earthen pitcher and had the woman trailing him.

It was mid-day. The sun was in the driver's seat. The burning hot air parched the fields and the throats of the peasants. Vassu told the young woman that he was thirsty. He handed over the pitcher to her and instructed her to bring fresh and cooling water from the Raitollem, on the condition that she should not bend to fill the vessel.

Gongee called out and said, "the vessel cannot be filled by keeping it straight".

Vassu insisted that she should move a little further in the lake and fill it up at once without stooping.

"The water is already up to my waist", she said, "and I cannot fill it up".

"Move further" he ordered "but fill it up without leaning forward".

"The water is already up to my neck, but I cannot fill up the container", was her last lamentation... and she was pulled to the innards of the lake never to surface again.

Vassu masked grief for the death of his daughter-in-law, but inwardly he was happy as he could continue with his project. What a changed man! His simple clean heart was changed to a ferocious beast. Greed can transform a man's innermost essence and cause destruction to the weak and the unprotected.

cintura e mesmo assim não conseguia enchê-lo sem se inclinar.

Vassu insistiu com ela que fosse mais adiante e sempre em frente no lago e trouxesse água, pois ele estava sedento com o calor sufocante.

Gongee não podia aceder ao pedido do sogro.

O seu último lamento:

− Não…posso… encher... o calão, e desapareceu nas entranhas do lago!

Vassu chorava pela morte da nora, mas uma alegria inundava o seu íntimo.

Um homem de um coração doce transformou-se num ser infernal e cruel.

A ambição desmedida dos fortes destrói os pobres e os fracos.

Sonu regressou ao povoado depois de terminar o seu contrato, e, de passagem pelo lago, viu um lindo lótus! Parou para arrancar o lótus e oferecê-lo à Gongee!

Quanto mais ele se aproximava do lótus, para mais longe a flor se afastava, até que ele desapareceu, arrastado nas profundezas do lago.

Se algum dia, presado leitor, chegar a *Raitollem* em Curtorim, nos meses quentes de sol inclemente, vai observar três pilares cilíndricos, de um metro de altura, com aparência de figuras humanas. A tradição popular diz que esses cilindros são as efígies de Vassu, Sonu e Gongee.

Quando vistar Raitollem leve um ramalhete à Gongee!

Glossário

Goundi = mason
Gotra = tribe
Ghats = the mountain chain to the east of Goa

A few days later, when Gongee's husband was returning from work, he stopped at the lake to satiate his thirst and pick up a beautiful lotus for his wife. The lotus eluded him. The closer he tried to get to the flower, the further it went until he reached the entrails of the lake to disappear forever. When Vassu realized that his malevolent plan wrecked Sonu's life, it hurt him deep inside and his emotions of anger, sadness, frustration, and anguish dragged him into the lake where he found his watery grave.

If you visit Raitollem in the dry months, you will see that there are three cylindrical pillars resembling human figures: Vassu, Sonu and Gongee. The horizontal pillar reminds us of Gongee. The other two are of the father and the son. The legend says that none of these pillars get fully covered during the monsoons, and if they do, says the tradition, the village of Curtorim will disappear in a flood like of Noah's time.

Dear reader, on your visit to Curtorim, please place a bouquet for Gongee in Raitollem.

Inputs by

Mrs Celina Amaral e Cota and Mr Rafael Viegas from Curtorim and the late Mr António de Bundar, a descendant of the care takers of the Raitollem for the last 300 years.

Lisboa – Goa: A Primeira Travessia Aérea

Lisbon - Goa: The First Air Crossing

Francisco da Purificação Monteiro

Sócio Fundador da Casa de Goa, Portugal

Founder Member of Casa de Goa, Portugal

Resumo
Nesta narrativa, o autor descreve a primeira ligação aérea bem-sucedida entre Lisboa e Goa. O feito histórico realizado pelos pilotos, capitão Moreira Cardoso e tenente Sarmento Pimentel é relatado em pormenores, documentadas em fotografias, consideradas verdadeiras relíquias.

Abstract
In this narrative, the author describes the first successful air link between Lisbon and Goa. The historic feat accomplished by the pilots, captain Moreira Cardoso and lieutenant Sarmento Pimentel are reported in detail, documented in photographs, considered to be true relics.

Introdução

Este artigo visa fundamentalmente rememorar um dos acontecimentos marcantes da história da nossa terra − recordar o primeiro voo que ligou Lisboa a Goa em Novembro de 1930.

Este feito histórico deve-se aos pilotos, capitão Moreira Cardoso e tenente Sarmento Pimentel, que podem ser considerados os pioneiros da aviação na Índia Portuguesa. Foi um objectivo ambicioso levar um pequeno monomotor "*Havilland Puss-Moth Gipsy III*" de Lisboa até a longínqua Índia Portuguesa. De realçar, que esta viagem foi custeada pelos próprios aviadores, que tiveram a ajuda de empresários, privados e familiares.

O avião foi batizado com o nome "MARÃO" pelo facto de os dois pilotos serem naturais de Trás-os-Montes.

A primeira tentativa desta ligação aérea foi realizada pelo piloto civil Carlos Eduardo Bleck, que não conseguiu ter êxito devido a avaria mecânica que obrigou o avião a fazer uma aterragem de emergência na faixa de Gaza, território da Palestina, quando já tinha percorrido 7000 km.

O seu velho sonho de ligar Portugal a Índia Portuguesa, iria ser concretizado em Março de 1934.

Nos bastidores da viagem

A ideia, os objectivos do empreendimento, o roteiro e os imprevistos da odisseia, estão expressos na entrevista que o major Moreira Cardoso deu, em 1961, ao jornalista Mário Costa Pinto: "*A ideia de voar até aquela parcela do Império, nasceu em Mirandela, em casa de amigos comuns e parentes de Pimentel, onde foi sugerida a viagem à Índia, da qual nós seríamos os realizadores. O problema do material resolveu-*

Figura 1. A rota seguida pelo Marão (Fonte: Biblioteca Fernando Piteira dos Santos Amadora – Exposição)

se passado tempo, com um empréstimo caucionado sobre propriedades e avalizado por parentes daquele meu bom amigo e camarada. Contamos para o efeito com as melhores boas vontades. Pusemo-nos em comunicação com o então capitão Craveiro Lopes na Índia e filho do governador da mesma. Com ele combinamos a maneira de efectuarmos o voo. Aceite de bom grado a proposta que apresentamos e feita a escolha da época própria – a das monções – ouvimos o sábio Almirante Gago Coutinho e outros distintos oficiais da Armada que navegaram no mar da Índia. Na posse do pequeno aparelho adquirido em Inglaterra preparámo-nos para partir".

A descolagem foi feita no dia 1 de Novembro de 1930 na Amadora com destino a Oran na Argélia, na altura território sob a administração francesa. O avião voando ao longo da costa a uma altitude de 50 metros, com chuva, passou por Setúbal, Vila Real de Santo António e devido a persistente chuvada e pouca visibilidade os pilotos tiveram que alterar a rota e aterraram em Sevilha.

O mau tempo provocou a rotura da tela junto do nariz do avião, o que obrigou a sua reparação; no dia 6 retomaram a viagem e aterraram em Benghazi na Líbia; para evitar a costa do Mediterrâneo voaram sobre o deserto e aterraram em Abukir no Egipto e daqui até Gaza. No dia 7 ao levantar voo de Gaza partiu-se o montante esquerdo do avião o que obrigou a sua reparação que demorou 8 dias. A viagem foi retomada no dia 14 e o destino seguinte foi Bagdade (Iraque), onde os aviadores portugueses foram recebidos com uma calorosa recepção.

Faltavam quatro dias para chegar à Índia Portuguesa. No dia 18 de Novembro o "Marão" aterrou suavemente no aeródromo de Diu. No dia seguinte levantou-se o voo com rumo a etapa final com destino à Goa, objectivo cumprido, sobrevoou Damão e escalou Bombaim, donde partiu com destino a Goa aterrando pelas 16h00 no planalto de Mormugão. num aeródromo muito rudimentar mandado construir pelo major piloto aviador Francisco Higino Craveiro Lopes.

Demoraram 10 dias de voo, 18 dias no total para percorrerem, com várias escalas, a distância de 8.914 Kms, voando 71 horas e 30 minutos."

Pela primeira vez um avião português aterrava em Goa. Como prémio para este feito o Leal Senado de Goa ofereceu 100 contos aos heroicos pilotos aviadores.

O "*Marão*" foi oferecido pelos pilotos ao governo da Índia Portuguesa. No dia 27 de Novembro os pilotos Moreira Cardoso e Sarmento Pimentel embarcaram em Pangim-Goa no navio "*Rupavaty*" com destino a Bombaim, donde seguiram com rumo a Portugal.

Até a saída da barra do Mandovi o "*Rupavaty*" foi sobrevoado pelo "*Marão*", pilotado agora pelo major Craveiro Lopes.

Correio aéreo

A 13 de Abril de 1931 o major piloto aviador Craveiro Lopes pilotando o avião "Marão" efectuou o primeiro voo de correio entre Bombaim e Goa, transportando duas cartas: uma endereçada a *Miss Geneviev de Sousa, School of Sacred Hearth of Jesus, Goa*, com dois selos e o carimbo dos correios de

Figura 2. Os pilotos capitão Moreira Cardoso e tenente Sarmento Pimentel recebidos entusiasticamente perto do Palácio de Hidalcão em Pangim

Bombaim "*Kaleadeul Bombay nº2 13 Apr 31*"; este sobrescrito está guardado no Museu de Ar em Sintra; a outra para a posta restante de Nova Goa, com carimbo redondo de 13/4/1931 e especial "*First Air mail from Bombay to Portuguese India*" carimbo de chegada à Posta Restante *c/Data de 14/4/1931, destinada a W. T. KelleKsq. c/c. Banco Nacional Ultramarino.* Nova Goa. Portuguese India.

O autor deste artigo teve a possibilidade de ver em 1956 o "*Marão*" no museu do antigo convento de Santo Caetano na Velha Cidade. Devido a demolição do referido convento para a construção das modernas instalações do Instituto S. Pio X, o "*Marão*" foi transferido para as instalações do aeroporto de Dabolim. Ignoramos qual o destino que foi dado ao "Marão" pelas autoridades da Marinha Indiana que converteram o aeroporto civil de Dabolim na base aéro-naval "INS Hansa".

As características do O "Marão"

Avião inglês "de Havilland" D.H. 80 "Puss Moth", monomotor de asa alta com dois lugares lado a lado e duplo comando.

Foi adaptado com um depósito suplementar que lhe permitia voar mais duas (2) horas que a versão da fábrica. Foi trazido de Londres para Amadora pelos próprios pilotos aviadores; o seu motor "Gipsy III" tinha quatro (4) cilindros em linha invertidos com 120 H.P. de potência. Comprimento 7,62 metros. Altura 2,08 metros. Envergadura 11,20 metros. Peso versão normal de 920 Kg. Velocidade máxima 127

Figura 3. Recepção aos pilotos Moreira Cardoso e Sarmento Pimentel em Mormugão (Fonte: Notícias Ilustrado, 1930 – Museu do Ar)

Figura 4. Os pilotos capitão Moreira Cardoso e tenente Sarmento Pimentel junto do "Marão", no campo de aviação de Amadora, antes de levantar voo com destino à Índia Portuguesa.
(Fonte: Biblioteca Fernando Piteira dos Santos Amadora – Exposição)

M.P.H. Velocidade a 5000´ 123 M.P.H. Velocidade de cruzeiro 100/110 M.P.H. Tecto máximo 17.500´.

Bibliografia

- Cardoso, Edgar Pereira a Costa. História da Força Aérea Portuguesa, Ed. Cromocolor, Lisboa, 1981.
- Pinto, Mário Costa. História Breve da Aviação Portuguesa, Ed. Lisboa 1961. pp138-39.
- Jane´s All The World´s Aircraft, 1930. Editado por C. G. Grey e Leonaro Bridgman. Sampson Low.
- Marston and Company, Ltd. Londres 1930.
- "Diário de Lisboa" de Outubro a Novembro de 1930.
- "Diário de Notícias" de Outubro a Novembro de 1930.
- Aero Club de Portugal, Viagens Aéreas dos Portugueses – Lisboa, 1930.

The Concelebration of 153 Masses in Velha Goa, in 1949. A Unique Event in the Catholic World

A Concelebração de 153 Missas em Velha Goa, em 1949. Um Acontecimento Único no Mundo Católico

José Venâncio Machado

Agronomist, retired (Instituto Superior de Agronomia – ISA, Lisbon)

Engenheiro Agrónomo, reformado (Instituto Superior de Agronomia - ISA, Lisboa)

Abstract
In 1949, Velha Goa was the scene of an outstanding event in the Catholic world: the concelebration of 153 masses (in the same place and simultaneously), integrated in the program of visit to Goa of the Pilgrim Image of Our Lady of Fatima. The image was carried to Velha Goa on the back of a "Swan" (a boat wonderfully decked as such) in a fluvial procession on the Mandovi River. Some unpublished photos that the Author was fortunate to find illustrate this article.

Resumo
Em 1949, Velha Goa foi palco de um evento notável no mundo católico: a concelebração de 153 missas (no mesmo lugar e em sincronia), integrado na visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima a Goa. A imagem foi transportada em procissão fluvial no Rio Mandovi no dorso de um "Cisne" (um barco esplendidamente embelezado como tal). Algumas fotos inéditas que o Autor teve a sorte de encontrar ilustram este artigo.

In 1949, from 29 November to 11 December, Goa had the privilege of receiving the visit of the pilgrim image of Our Lady of Fatima, coming from Portugal, during which 153 masses were concelebrated in Velha Goa. This impressive number of masses celebrated in the same place, simultaneously (and synchronized), with the participation of a patriarch and three prelates and attended by 80 to 100 thousand people was probably an exclusive event in the Catholic world. The symbolism of the number 153 is evident: the Rosary is composed of 153 "Ave-Marias": three initial Ave-Marias and three sets of Mysteries, each composed of five decades of Ave Marias.

Although the visit was promoted and organized by the Portuguese government, what I would like to emphasize, in the first place, is the ability that the Goans had to prepare and carry out an event of this grandeur. And to illustrate it I was fortunate to obtain three unpublished photos: from Dr Francisco Valeriano de Sá and from Foto L´amar of Margao, both showing the Swan-shaped boat that carried the image in the Mandovi River and the third one from Dr Olegário Jacques, taken from the top of the belfry of the Sé Catedral de S. Catarina (the only person who

Figure 1. The Pilgrim Image of Our Lady of Fatima in the Church of Panjim (courtesy: Dr Francisco Valeriano de Sá)

dared to climb it). To each of them my deep thanks for their kindness.

The Pilgrim Images of Our Lady of Fatima are copies of the second image of Our Lady designed and carved by the sculptor José Ferreira Thedim (1892- 1971) on the wood of "Brazilian cedar" (*Cedrela odorata L.,* is not a cedar, but belongs to the mahogany family, considered the best for a good carving). They weigh 19 kg and are 1.037m tall. The Sanctuary of Fatima currently has twelve replicas of Pilgrim Images, which are intended to satisfy the diverse requests that arise from the Catholic orb. It was the second copy of the second image that the Catholic Goans received with devotion and festivity (Figure 1).

Several months before the arrival of the image in Goa, local newspapers had already started publishing articles, creating expectations and encouraging the participation of the faithful in the various events, as well as offering news on the program of the visit (Figure 2). Readers proposed changes, some of which were accepted. A commission was set up to coordinate the visit and related expenses, and a subscription was opened to cover the visit. I consulted in Lisbon some issues of the daily newspaper "A Vida", published in Margao, and of the Ecclesiastical Bulletin of the Archdiocese of Goa related to this visit, in order to summarize how it took place.

The statuette landed at Mumbai airport (ex-Bombay) on 27 November, after being in Cairo, Egypt, where a gold crown was offered to the image. In Mumbai, a mass was celebrated in a chapel in Colaba. It arrived in Goa on the 29th of November, transported by the boat Ratnagiri, which anchored in Reis Magos. It was received by the Patriarch, who was accompanied by the Bishops of Puna, Cochin and Meliapor.

The same day, a fluvial procession took place along the Mandovi River, from Reis Magos to Velha Goa, the image being carried on a "Swan" boat (a brilliant idea of the Commander Santos Cardoso, Captain of the Ports of Goa), as can be seen in the photo of Dr. Francisco de Sá (Figure 3A) and of L´amar (Figure 3B). By order of the Patriarchate, at 15.30 the bells rang in all churches and chapels in Goa announcing the beginning of this procession. Countless vessels, scattered on the river, greeted its passage, while on its banks sounds of bullets, mortars and rockets where echoing and thousands of people were watching the procession. In Velha Goa, the statuette was placed on a bier (pedestal) and carried in procession to the

Missas Campais

Hoje haverá, na Velha Cidade,um acontecimento religioso único, ou melhor,o primeiro no seu género ao orbe católico. 3 Bispos e 150 padres oferecerão,em volta da Virgem Peregrina, simultâneamente, a Santa Missa. Que Nossa Senhora de Fátima as faça aceitar da Divina Majestade —em nome de Goa, da Igreja e do mundo inteiro, pelos quatro fins para que o Sacrifício Eucarístico se oferece: — adoração, acção de graças, reparação e impetração.

Figure 2. A clipping of "A Vida" (1 Dec. 1949), announcing the event.

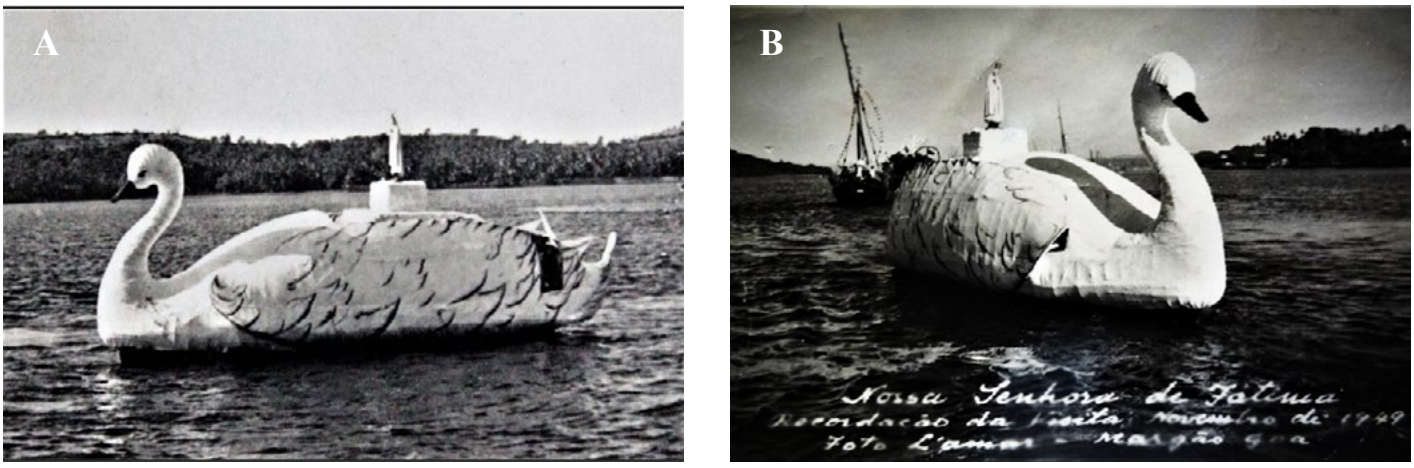


Figure 3. **A.** The "Swan" carrying the image in the Mandovi River (courtesy: Dr Francisco de Sá). **B.** The "Swan" carrying the image in the Mandovi River (source: L´amar, Margao).

Cathedral, passing through the Arch of the Viceroys. The evening vigils began and on November 30, a Pontifical Mass was celebrated by the Patriarch of the Indies.

On the 1st of December, the impressive Concelebration of 153 masses took place in Velha Goa in the vast open space between the Cathedral and the Basilica of Bom Jesus. The event started at 07.30 with a procession from the Cathedral to the ceremonial place, with the celebrants already dressed with liturgical vestment and their assistants formally dressed (tuxedo was a condition imposed to those willing to help the celebration of the mass). The Patriarch, the Bishops of Cochin, Puna and Meliapor, the Governor-General and other civil and military dignitaries followed in the procession. Placed the image in its niche, the concelebration began, with each step commented on the loudspeakers by a priest, allowing indirectly to synchronize all the masses. In the Liturgy of the Word, the Bishop of Meliapor (Meliapor, in present-day Chennai, was a Portuguese diocese till 1952), addressed the message of Fatima, and in the Offertory the Governor-General offered on behalf of the people of Goa a very rich rosary of pearls and diamonds for the Fatima Museum.

How would the altars have been arranged for such a great celebration? It is a question that occurs to those who, like me, did not witness it. It should be noted that at that time the mass was celebrated with the celebrant facing the altar; the liturgical orientation "*versus populum*" (in front of the people) only started to be practiced after the Second Vatican Council (1962-1965). According to the records found, the altars were arranged forming five sides of an irregular octagon (Figure 4): the bottom side with three altars for the three Prelates (the Patriarch of Indies and the Bishops of Cochin and Puna), flanked by two arches with candelabra; the next two sides with five altars each; and more two sides with 70 altars each. A golden colour strip marked each decade. In total, 15 decades of 10 altars each, plus three altars of the Prelates in the top. The main altar had been topped with a niche for the Pilgrim Image. All altars were placed on an elevated and slightly inclined platform. The construction of this set of altars was hard and strenuous work. In the splendid photo taken by Dr

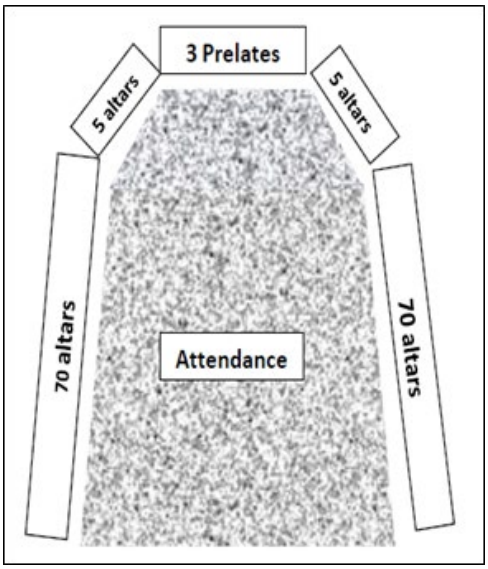


Figure 4. The arrangement of the altars for the Concelebration.

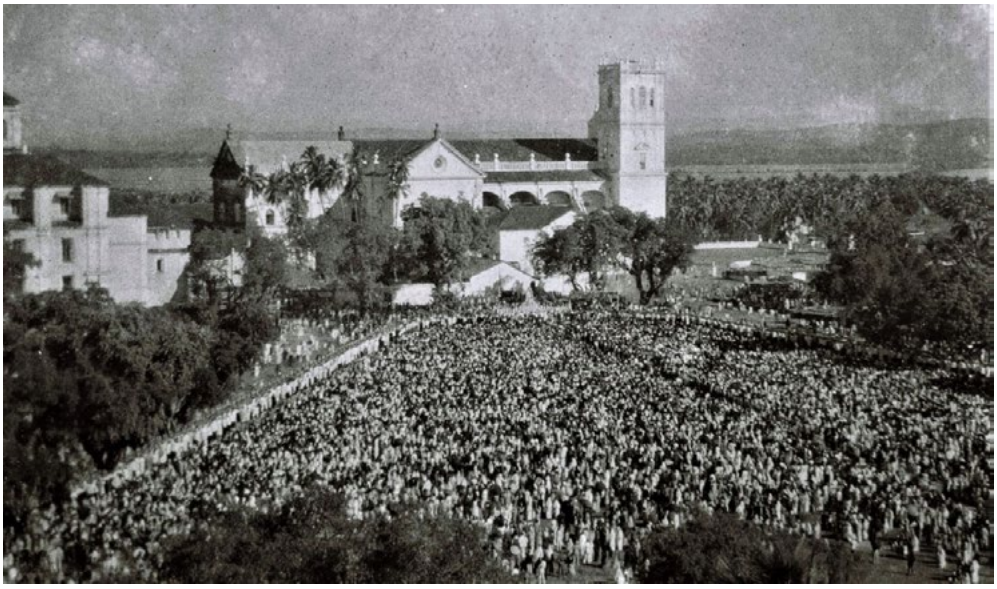


Figure 5. The panoramic view of the Concelebration (courtesy: Dr. Olegário Jacques).

Olegário Jacques we can see the arrangement of the altars, the niche in the main altar and massive attendance of the faithful (Figure 5).

After the ceremony, which lasted three hours, the Image was transported again to the Cathedral and people dispersed in an orderly manner. Due to the remarkable number of masses celebrated simultaneously, the number of celebrants, which included three Prelates, and an attendance estimated at 80 to 100 thousand people, most of whom received the sacrament of Communion, this event was considered unique in the Catholic world. And it took place in Goa. Only Goa could offer a provision of 150 local priests without major difficulties and a fervent and disciplined participation of the faithful.

In the following days the program of the visit continued, consisting of a tour to all municipalities of Goa, with stops along the way in one or another parish. Everywhere, the reception was enthusiastic and warm, according to the press.

Those who lived in Goa during this period will have no difficulty imagining the hustle and bustle of those days. The façades of houses beautifully decorated; the philharmonics playing; the bells ringing; the fireworks bursting; flowers showering on the image and a panoply of banners, crosses, flags and arches with balloons contributing to the solemnity of the passage of the Image. Parades of military formations and of the Mocidade Portuguesa (Portuguese Youth); queues of students from primary schools, colleges and convents; the youth of Catholic Action, clerics, seminarians and confreres with their colourful dresses making up the panorama in official and liturgical acts. Vibrant speeches and sermons in Portuguese or in Konkani, all broadcasted by the Emissora Nacional of Goa. In some cities, masses for the sick and a candlelight procession were held at dusk, the most impressive of which was that of Panjim.

Postal stamps to commemorate the event were circulated by the Postal Office (Correios e Telégrafos de Goa). I found two stamps: one painted by Almada Negreiros (in the right in the Figure 6) and another by the Goan artist Chrisnanath Vassu Naique, with eight different colours, corresponding to different nominal values.

Figure 6. Stamps of Our Lady of Fatima issued by the Post Office of Goa.

Acknowledgment | *Reconhecimento*

Article first published in Ecos do Oriente in 2017 | *Artigo publicado em Ecos do Oriente em 2017.*

Why And How Colonial Britain Recruited Goans

Porque e Como a Grã-Bretanha Colonial Recrutou os Goeses

Philomena Lawrence

Freelance journalist, New York, USA

Jornalista freelancer, Nova Iorque, EUA

Gilbert Lawrence

Doctor, specialist in radiation oncology, New York, USA

Médico especialista em radiologia oncológica, Nova Iorque, EUA

Biographical notes at the end | *Notas biográficas no fim*

Abstract

History undoubtedly belongs to the past, but understanding it is the duty of the present generation. In 2020 (pre-Brexit), the British print media published derogatory articles which portrayed Goans as opportunists who abused the EU immigration system by making a backdoor entry into the UK via Portugal. This scenario raises interesting questions of why and how Goans became familiar with the British and vice-versa. The following are abstracts from our recently published book, *Insights into Colonial Goa*, which traces Goan emigration from British India, the Mid-East and Africa.

Resumo

A história, sem dúvida, pertence ao passado, mas entendê-la é uma incumbência da geração atual. Em 2020 (pré-Brexit), a media escrita britânica publicou artigos depreciativos que retratavam os Goeses como oportunistas que se valeram do sistema de imigração da UE ao fazer uma entrada, pela porta dos fundos, no Reino Unido via Portugal. Esse cenário levanta questões interessantes sobre o porquê e como os goeses se familiarizaram com os britânicos e vice-versa. Este artigo, diz respeito a extractos de nosso livro, recentemente publicado, Insights into Colonial Goa, que traça a emigração de Goeses tendo como ponto de partida a Índia Britânica, o Médio Oriente e a África.

A historical synthesis

In 1510, Goa was the first Asian territory to become a European colony. After crossing the Atlantic and Indian oceans, likely both pioneers and settlers arriving in Goa's harbor felt like the safety of coming home. Goa's innocuous inland harbor was close to the wide-open sea yet protected by a river making it like the Belem port up the Tagus River with direct access to the Atlantic Ocean. After Goa and thanks to Alfonzo de Albuquerque and others, Portugal acquired several enclaves along the coasts of the Indian Ocean (East Africa, Mid-East, and India) and around the South China Sea (South-East Asia). Portugal controlled the lucrative Silk Lane maritime trade of Asian spices to Europe after out-maneuvering the Arab-Venetian monopoly of the traditional over land route along the Silk Road. As a result of their successful trading in

spices, Portugal and Goa reached their socio-political and economic zenith in the 16th and 17th centuries -- a golden era for both. After a century of Lusitanian dominance over the spice trade, other European powers such as the Dutch, the English and the French also ventured into that specialty get-rich-quick commerce. Goa served as the prestigious capital of Portugal's eastern empire from 1530 to 1961; when colonization ended, and Goa became part of India.

From their capital in Goa the Portuguese oversaw their coastal enclaves both north and south of Goa extend from Surat to Quilon. Of strategic importance were the islands of Bon Bahia (later called Bombay), which were handed over to the English in 1661 as part of Catherine Braganza's dowry when she married Charles II. More than a century later, not only did England trade with India; but after the Battle of Plassey in 1757, ruled parts of the country. The Portuguese developed the model for Asian colonization starting in 1510, but it was the English who perfected the system. Using sophisticated weaponry and devious manipulations, the English turbo-charged the process of colonial annexation in India in the 19th and 20th centuries.

Recruiting Goans for Colonial Service

During the early days of colonization, Portugal recruited Goans as seamen-apprentices, especially for the return voyage to Portugal and after they had experienced high death rates of sailors on the outgoing voyage from Lisbon. The 17th century witnessed some Goan emigration to Portuguese colonies, including ports along the East African coast especially Lourenco Marques (now called Maputo) and Beira in Mozambique. Some Goan émigré groups were displaced when the Omanis took control over Portuguese-held Malindi, Mombasa, and Zanzibar. However, when these later areas became British colonies, other Goan groups were recruited to settle in those areas. A chess game indeed!

The British understood the importance of having an efficient and reliable administrative support staff in their colonies. The rulers were also keenly aware of the difficulties in recruiting British-born workers to re-locate to the colonies, despite the extraordinarily high compensation offered to them. Fortuitously for the British, Indian employees were willing to work for much lower remuneration and provided their services with eagerness as well as loyalty to the boss – an observation Portugal had made two hundred years earlier. The first time the British experienced significant exposure to Goan culture was when England occupied Goa (1799-1813) as part of The Metheun Treaty of 1703 (one of the longest lasting mutual-defense treaties between two countries). However, Goans had experienced European ways of life for almost 300 years prior to British occupation of Goa. As the British became increasingly familiar with their Goan subjects, the rulers appreciated the natives' tolerant, contented, relaxed personalities, education, apparel, lifestyle, diet, and work skills.

Goan Education

Forward thinking, progressive priests and nuns, in the Old Conquest of Goa have to be given due credit for establishing primary schools in almost every parish as well as expanding the Goa-diocese-run parish schools to other enclaves. The parish schools provided students of all religions and castes the ability to read and write in the Latin script as well as learn the basics of math and science -- The 3 Rs – similar to levels of western education of the time. Goans also developed skills at European cuisine – vegetarian and non-vegetarian dishes, including ham and bacon, and baking.The clergy also taught Goans to play western musical instruments and sing in church choirs. Goan musicians became the mainstay for entertainment at official and social events in clubs and gymkhanas on land and at sea. Until recently, only Goans provided musical accompaniment on the violin, guitar and concertina for Bollywood movies.

Lord Thomas Babington Macaulay had plans to design the education system within the Raj. But long before the 1835 Macaulay report, the Lusitanians, especially the parish schools in 1600s, had well-established forms of education both in Goa as well as Portugal's enclaves along the west coast of India. According to Macaulay, "education in the colony should train a narrow class of persons Indian in blood and color, but English in taste, in opinions, in morals and in intellect." Large numbers of Goans began immigrating to Bombay, which was

rapidly expanding economically. At school, and at the workplace the newly arrived were alongside other Luso-Indians (later called East Indians and Mangalorean) and of other ethnic Indian groups including Parsees, Hindus, Muslims, Anglo-Indian, British and Irish military personnel as well as other servicemen. The government encouraged education (schools and colleges) by Hindu, Protestant, Muslim, Jewish and Parsee communities. Bombay had a building boom and Protestant, Hindu, Parsee, and Catholic institutions were forging ahead along with government buildings and other like university, train station, museums, churches, and cathedrals. Soon all Bombay dwellers were fluent in English – the language of commerce and education.

By 1870, Goans were coming in large numbers to *Bombaim* as they called it. As Luso-centric and later Anglo-centric, Goans represented a fine-tuned model; the education they received from Franciscan, Jesuit and other teachers paralleled Macaulay's vision. In short, Goans were well-positioned to be employed by the British in India and in their overseas colonies. Over time, the western educated class became pillars of the political establishment and apologists for colonialism both in India and in Goa. These included stalwarts like the Nehrus (father and son), Gandhi, Jinnah, and others who went to England for further studies.

Employing Goans in Britain's Colonies

Getting skilled help in Asia, the Middle East and Africa posed a difficult challenge, and the English were keen in recruiting and holding-on to their well-trained and valued assistants. Governing eh Raj was from three Presidencies – Bombay, Madras and Calcutta. The Bombay presidency was important to protect the shipping routes in the Arabian Sea and British-East African-London connection (around the Cape or via the Suez Canal). Bombay Presidency (the largest of the three presidencies within the Raj) served as the steppingstone for English Civil Servants and officers (civilian and military) and their Goan protégés prior to postings across southern Asia, the Middle East and Arabian Peninsulas, as well as Africa. The presidency also served as a boost for Goan communities and parish schools and colleges (for boys and girls) in Bombay and attracted more Goans to migrate to Bombay in the hopes of gaining employment and higher education. In 1878, the Anglo-Portuguese treaty facilitated Goan migration to British territory just as Portugal-Goa connections were on the decline and replaced by Portugal-Brazil axis. Brazil replaced Goa in the Lusitania crown.

The Goans that made Bombay their home were called *Bomoicars.* They were fluent in English; with an air of self-confidence having held their own in the rough-and-tumble of big city; rubbing shoulders with a very cosmopolitan national and international crowd. Other major Goan enclaves in the Raj were in Calcutta, Poona and Karachi. The Persian Gulf Arab states were mainly Aden. The English-speaking world home to Goans was colonial territories in Africa and south-east Asia. The British called the native Luso-Indians (Christians in the northern region – Bassein, Salsete, Thana, Bandra) *East Indians* as opposed to the *West Indians* from the Madras Presidency that were shipped west as indentured labor to the Caribbean islands to work the sugar plantations. Goans were viewed with misgivings depending on British-Portuguese relations. Yet Goa was increasingly in the embrace of the English especially after the completion of the Goa extension of the Indian railroad in 1888; which now permitted Goans to travel to all parts of India by train, in addition to the boat service to Bombay.

Other Goan enclaves in the Raj were in Calcutta, Poona and Karachi. The Persian Gulf Arab states were mainly Aden. The English-speaking world home to Goans was colonial territories in Africa and south-east Asia. The Portuguese and Christian education lit the fuse of Western thought-process among Goans. Mid-nineteenth century epidemics and famines in Goa was an added impetus to migration. The British turbo-charged the slow burning spark of Goan and East Indian transformation under the British Raj in Bombay. The Lusophones became the Anglophones. Unfortunately, they also made distinctions that did not exist between and within the group. Then and even more now, there is motivated sociology to promote division among the populace. From the Portuguese fidalgo to the English Nabob, there were natives in India who sprung from obscurity, to acquire great wealth, and spend it extravagantly.

End of the 19th century as British interest in Africa (East and South) was expanding with construction of the rail lines into the interior, so too was Goan recruitment was growing. Thanks to the supportive staff, the British were much more successful in building railway lines in Africa, (to use just one metric), than were other colonial powers such as the Germans or the Belgians in that continent. In addition, the British expanded their hold on East African territories from coastal ports to the entire region of Kenya, Uganda, Tanzania, Rhodesia, Malawi, Nyasaland, and other inland territories of Africa. They were able to prevail in their endeavors due, in large part, to their hard-working assistants, significantly comprising Goans. A colonial officer's put in well in *Bwana Karani* by Mervyn Macial, a Goan in Kenya, "Through his book we, non-Goans are made aware of the amazing Goan network that spread all over Kenya, a network through which flowed the very blood of colonial administration." The French, in contrast, achieved only minimal success in recruiting residents of their colony in Pondicherry to work in French-ruled African colonies. It wasn't long before word spread that Goans were productive employees, which led British vassals, allies and rivals in Asia, Mid-East and Africa to recruit Goans to work for them. Goans who settled in British East Africa were called *Afrikanders*.

The recruited Goans had the full range of socio-economic skills from professionals like doctors and engineers to the ABC of society. And they were recruited as civil servants for the government, and government services like rail, post and telegraph, customs; private business, navy and merchant fleet; and in private capacity as domestic help.

Customs, tradition, language skill / barrier, religion, food habits, professional skills restricted some from immigrating. Goans in various African enclaves created their own niche and formed the social and economic positions that they pioneered in Bombay – clubs, schools, churches, etc. As historian Cynthia Salvadori, commented in *Bwana Karani,* by Mervyn Macial "I am so glad you wrote the book for posterity, as without the Goan community, the salt of the earth, the Provincial Administration would never have achieved the standards it did." Some Goans in the colonies like most new arrivals had a difficult time adjusting to tropical weather, relating to a new culture, lack of family support, new and uncertain work environment, challenges to housing etc. Undoubtedly there were emotional experiences of soaring highs and crushing lows. For the majority, there was no point in spending one's time crying over something one knows one cannot get. Both colonialism and being in a new environment lit a fuse for a fight for survival. There was no one to pamper with endearing terms like *baba putha* – beloved son. The patronizing English made sure the various layers of colonized society lived under an aura of contentment. There was a hypocritical paternalism of a superiority of Caucasian over Asiatic, and both groups of foreigners over the natives. Yet the native African held the Goan with high regard addressing them as "*Bwana*" (Swahili for father / boss).

Goans who worked in British territories located in Africa, the Middle East, Asia, and Europe regularly repatriated their earnings to Goa, thereby making valuable contributions to the Portuguese economy. The system was even given official recognition as the Remittance Economy. The Afrikanders, Bomoicars, shippies, and others returned to Goa and their ancestral home for vacation, special family occasions, to find a spouse, retire or nursing for ill-health. Depending on where they lived, worked, and predisposed, Goans were categorized as Anglophone Goans or Lusophone Goans. Unfortunately, due to internal and external factors, Goans also made distinctions that did not exist and that promoted divisions among the populace.

It has been said that the best crystal ball is a rear-view mirror. During the Raj, Anglophile Indians wanted "Dominion status" for their native land (similar to Canada and Australia) in order to be part of the mother country. Lusophile Goans wanted something similar for Goa with Portugal. But due to draconian colonial restrictions, the educated class split into apologists of colonialism and icons anti-colonialism. Beyond providing mere lip-service, the European countries had no intention of granting rights and freedoms to those living in their colonies, both in India and in Goa, which led the younger generation of natives to demand total freedom from colonization. The seeds of affinity for the West planted during the

colonial era continue even today all across India and other colonies. "We are here because you were there" is the writing on a poster at a protest march in London.

The two-hundred-and-fifty years of dedicated service, that Goans directly gave the colonial British, has earned Goans the right to be admitted DIRECTLY to Britain for the next two-hundred-and-fifty years post-colonization.

Bibliography

- Insights into Colonial Goa by Philomena Lawrence and Gilbert Lawrence (Amazon books)
- Bwana Karani by Mervyn Macial.
- Beyond the Cape: Sin, Saints, Slaves and Settlers by Braz Menezes (Matata Trilogy)

Acknowledgment | *Reconhecimento*

Article first published in The Goan, 2021 Feb 28 | *Artigo publicado no The Goan, 2021, Fev 28.*

Biographical notes | *Notas biográficas*

Philomena Lawrence

Philomena (nee Pereira) is a granddaughter of Sangolda and Aldona. She has a Bachelor of Arts and Bachelor of Education degrees from the University of Bombay. She is a freelance journalist and her articles about inspiring, creative, and community-minded people have been published in numerous newspapers and magazines.

Gilbert Lawrence

Gilbert is a grandson of Aldona and Guirdolim. He received his Medical Doctor's degree from G.S. Medical College in Parel. In 1972, he received his Master of Surgery degree from K.E.M. Hospital and Tata Memorial Hospital. Gilbert immigrated to England in1973 to study radiation oncology.

Gilbert and his wife, Philomena, immigrated to the U.S. in 1977. Since then, he has been in clinical and academic practice and has had more than 70 medical/research papers published in various national and international cancer and radiation therapy journals.

They authored "*Insights into Colonial Goa*", published by Kindle and Amazon as e-book and paperback.

Of Rivers, Boats & Ferry Tales

Dos Rios, Barcos e Contos de Balsas

Ralph de Sousa

Vice-President of the Goa Chamber of Commerce & Industry, Goa

(Notas biográficas no fim)

Vice-Presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Goa, Goa

(Biographical notes at the end)

Abstract

Goa is interwoven with approximately 350 kms of navigable rivers which were used for transportation of goods and passengers since times immemorial. Besides the scenic rides and economical mode of transportation, these rivers offer the lifeline to Goa's agricultural economy as the water is fresh, closer to the source. These rivers have been a part of Goa's folklore and lifestyle and they guard the stories and secrets of past centuries, including the tale of the battles that were won and those that were lost. Today, this neglected resource is being revived, and it will again sing the tunes of glory, offering cheap and convenient movement of goods from the harbours to the hinterland, and of the people from the cities to their villages.

Resumo

Goa tem uma rede fluvial de aproximadamente 350 kms de rios navegáveis que desde tempos imemoriais foram utilizados para o transporte de mercadorias e passageiros. Além das excursões panorâmicas e do meio de transporte económico, esses rios são vitais para a economia agrícola de Goa, pois a água é doce e está perto da nascente. Estes rios fazem parte do folclore e do estilo de vida de Goa e guardam as histórias e segredos dos séculos passados, incluindo a história das batalhas que foram ganhas e das que foram perdidas.

Hoje, esse recurso negligenciado está sendo revivido e cantará novamente as melodias da glória, e a proporcionar um transporte económico e adequado de mercadorias dos portos ao interior, e das pessoas das cidades às suas aldeias.

Goa was always an agrarian economy and all non-agricultural goods that were consumed in our small state were imported from Europe, Africa and the Middle East and from Cochin and Mangalore in the South and Bombay in the North.

The Arabian Sea offered a panoramic view from our beaches as the horizon was dotted by sail boats locally called Patmareos, as well as by the Armadas, the Galleons and the Caravelas that visited Goa in the 15th, 16th and the 17th centuries. Traders from Europe, Africa and the Middle East visited Goa with their merchandise which included horses, slaves, provisions and food stuff and on their return trip took away spices, silk, fabric and other local produce. From

Oman came pearls and miscellaneous goods and they took our bamboo and local produce to their lands. The boats from Mangalore came in mostly with roof tiles.

It is rather interesting to know that an Arab village existed in Betim, where the crew and sailors used the place for rest and recreation between their long journeys. It offered shelter and other facilities to meet the needs of the travel weary sailors.

In later decades, warehousing facilities were offered in all the port cities and towns including Panjim, Ribandar and Old Goa. The Cortalim Junta de Comércio Externo warehouses are the survivors of the early 20th century era and they were used to store imported goods and those that were ready for export.

From time immemorial, trade and commerce flourished in Goa thanks to our navigable rivers. The Mandovi and the Zuari rivers and their tributaries offered navigable passage of around 350 kms in our tiny state.

The goods arrived in Panjim and were transported to the hinterland by country crafts. I remember Betul, Rachol, Sanquelim, Sinquerim, Chapora and Cortalim having custom houses to clear the goods. Of course there must have been many more areas which I did not have the privilege to visit.

These boats were the size of today's canoes used to extract sand and the boatmen were mostly from the Cumbarjua and Marcaim regions. Tides played an important role as they were used as 'prime movers' for sailing. The boats were loaded and kept ready at the river mouths for their voyage to the interior and the journey started once the tide started coming in. With the tidal push and with the help of a sail made of patched pieces of cloth sewed together, the boats would move effortlessly to their inland destinations. For their return journey, the facilitator was the outgoing tide. Once the tide turned and the flow of low tide towards the seas started, all the empty crafts some carrying goods to be exported, set sail for the harbours. Clever sailing tactics in the absence of an engine!

When manganese and iron ore extractions commenced in 1940s, the extracted ore was transported to the Mormugão harbour by our country crafts. And this mode of transportation continued till the barges made their appearance.

The introduction of barges in the mid-nineteen fifties, led to an efficient mode for iron ore bulk transportation. Millions of tonnes of iron ore lumps and fines reached the distant shores as our rivers facilitated the transit of ore from the mines to the waiting foreign ships docked at our harbours. A massive contribution to our exports indeed.

Besides the goods, the local crafts ferried people as well their goods. The passengers were transported by local boatmen known as 'Tari' from one river bank to another, and the landing cum pickup points were known as 'Tars'. This mode was used by village vendors to transport their local back yard produce to the weekly village markets all over Goa. Some wayfarers also took a ride on the goods crafts right from the harbours to the interior ports. The Tars and the Taris were not just a mode of transportation but were deeply embedded in the hearts and lifestyles of rural and urban dwellers, as many folk songs and dances were inspired by this profession. The greatest tribute came in through the famous Goan 'Dekhni' which sing about the tari which ferried performers for a wedding across the river.

Decades later came an upgrade to this transportation in the form of mechanized boats, popularly called 'Vapor' or 'Gasolina' I know of those that originated from the interior river side villages like Aldona, Pomburpa, Verem, Betim and also from the Mormugão harbor, just to name a few and they all ended up in Panjim, whereas the harbour run touched Dona Paula.

Of course, the lifeline of the Goan traveller were ferry boats and they still ply as an indispensable part of our transportation system. These boats penetrate right into the social fabric of the commuting Goans and have become a meeting point of friends, and an opportunity to make more friends, a place to have brief discussions on world affairs, to exchange news and views and discuss the affairs of families and friends. The boats interestingly even doubled up as a place where the local 'matchmaker' introduced the unsuspecting 'candidates' to each other as a prelude to future matrimonial negotiations!!!

The ferries had their own charm. The enthusiastic, conversation and heated arguments were suddenly silenced when the boats rocked. Maybe a windy day or a passing barge was the culprit. The Cortalim crossing

was rougher than the Panjim one and I considered the boys from Salcete luckier than us as their hands or elbows were held tightly by the pretty lasses when the going got rough and from the boys point of view, a full 10 minutes of sheer ecstasy prevailed.

Another sight for sore eyes was to watch the run up of the "last guy", as a prelude to the ensuing long jump that landed him on the deck of the ferry boat as it left the quay much to the relief, entertainment, and admiration of fellow commuters! And if you did not find this Olympian feat exciting enough, there was always the thrills galore as the ferry neared its destinations on the opposite bank. The local lads would exhibit their sporting talents by jumping out of the ferry right on the landing minutes before the boat touched the shore. The outcome? The winner was awarded a seat on the first sharing taxi that awaited to make the city runs! So all this heroism at the risk of landing on your bottom on the slippery landing was not for mere entertainment! When I think and relive these moments, I always wonder why on earth did our forefathers do not keep a ferryboat on the finishing line of the 100 meters dash at the Olympic stadium! Goa would have been loaded with gold medals for sprints and the long jumps!

Today, barring some ferry crossings, the mode of river transportation has become a thing of the past. This is rather a sad state of affairs as it is the need of the hour to decongest our roads and parking spaces. With the highest ratio of person to vehicle, the clutter and the cluster of vehicular traffic has become nothing short of a nightmare. And not by far should the large number of vehicles be taken as a level of prosperity of the people of Goa but on the contrary, it highlights the failure of successive governments to introduce an efficient and a commuter friendly mass transit system.

If we have to survive on our roads, keep our blood pressure down and reach our destinations and alive on time, we have to revisit the old proven system of river transportation. We will not only address the problems faced by the commuters but will enjoy a healthier lifestyle. An efficient modern mass transit system along with the usage of river routes for the movement of goods and the ever-growing number of passengers, will make Goa a more pleasant and an economically efficient State.

Goa was created by the Good Lord to be seen from the rivers and while commuting, we enjoy the true beauty of our beloved Goa.

Today we are faced by a real threat of our rivers running dry, thanks to the dams planned by Karnataka on the river Mhadei. If the waters of the Mhadei are blocked beyond our borders, all that we will be left with will be dry river beds which will only be useful to construct a new 350 kms long highway network! May our generation or successive ones not see such a day ever!

Notas biográficas | Biographical Notes

Is the former President of Travel & Tourism Association of Goa, Former Chairman of Confederation of Indian Industry – Goa Council, Former Chairman and Patron of Goa Heritage Action Group, and is presently the Vice President of the Goa Chamber of Commerce & Industry, Member of Board of Governors, Government of India Ministry for Tourism's Institute of Hotel Management Board of Directors of Economic Development Corporation (EDC) of the State of Goa Board Member of the Goa Investment Promotion Board.

É ex-presidente da Travel & Tourism Association of Goa, ex-presidente da Confederation of Indian Industry - Goa Council, ex-presidente e patrono do Goa Heritage Action Group, e atualmente é o Vice-Presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Goa, membro da Conselho de Governadores, Governo da Índia Ministério do Turismo Instituto de Administração Hoteleira Conselho de Administração da Economic Development Corporation (EDC) do Estado de Goa Membro do Conselho do Conselho de Promoção de Investimentos de Goa.

Second World War Intrigue in Sleepy Goa

A Intriga da Segunda Guerra Mundial Numa Goa Adormecida

Armand Rodrigues

Retired as C.E.O. with the Uganda Government and later as a Manager with the Canada Revenue Agency. One of the founders of the Goan Overseas Association in Toronto (*Biographical notes at the end*)

Diretor executivo no governo do Uganda, posteriormente Gerente na Agência de Receitas do Canadá, aposentado. Foi um dos fundadores da Goan Overseas Association em Toronto (Notas biográficas no fim)

Abstract
The deadliest war conflict, World War II, was something that Goa witnessed from far away. But in the distant year of 1943, the port of Mormugão was the scene of an episode that involved the warring parties, in a neutral territory, Goa, at that time a colony of Portugal. In this chronicle, the author reports the intricacies and facts of the event.

Resumo
O conflito de guerra mais mortal, a Segunda Guerra Mundial, foi algo que Goa testemunhou à distância. Mas no longínquo ano de 1943, o porto de Mormugão foi palco de um episódio que envolveu as partes beligerantes, num território neutro, Goa, então colónia de Portugal. Nesta crónica, o autor relata os meandros e fatos do evento.

An interesting incident took place in Goa, on the west coast of India, in 1943, but the man in the street today may not even have heard of it. As a province of Portugal during WW II, Goa remained neutral. In 1942 German U-Boats were wreaking havoc and grave devastation on British vessels plying the waters of the Indian Ocean. The British Admiralty in London was nonplussed about the increasing losses. It so happened that when war broke out, four merchant ships - the German *Ehrenfels, Drachenfels and Braunfels* and the Italian *Anfora* - played it safe and sought refuge in Marmagoa. The Portuguese gave them asylum provided their radio transmitters were immobilized.

The ships looked forlorn and harmless moored across from the dockyards, and nobody paid them any attention. In March 1943, however, people were jolted from their complacency to witness all four ships go up in flames. This was hard to believe. The rules of engagement in the war did not permit any nefarious action in a neutral port. Without 'phones or radios in those days, news only spread by word-of-mouth. The story was that the ships had received information that an enemy attack was imminent and so they jettisoned their arms, ammunition, motorbikes, bicycles, into the ocean, before scuttling their ships and setting them on fire. In schools it was the topic of the day and kids took the news home to their parents and neighbours. I was one of the lucky ones to accompany a teacher from school in Margão, by rail, to Mormugão - four

stations away- and witness the burning ships and the billowing smoke.

A few years later I finished my studies in India and found myself employed by the British Government in Uganda. At regular intervals I went on vacation leave to Goa. The rusting hulks were still there marring the scene, at their grotesque angles in the water. Nobody seemed to know whose responsibility it was to remove the blight from the landscape. Time went by. In 1969 my family and I emigrated to Canada. In 1980 I got a pleasant surprise. In the Book Section of the June issue of the Readers' Digest was the "Boarding Party" by James Leasor. It was like a bolt from the blue to read for the first time in 37 years about the machinations behind the 1943 saga of the burning ships in Goa.

India was still under the British in 1943. It turned out that British Intelligence had zeroed on a possible hidden transmitter in the *Ehrenfels.*

Options on how to demobilize the transmitter were considered. Uppermost in mind was to ensure that Portuguese neutrality was not infringed upon. A plan was hatched. A group of ex-British soldiers was assembled in the Calcutta area. Let's now skip the details and logistics engendered in the plot and get to the chase.

From Calcutta on the east coast of India, to Cochin in the south-west, the troopers left by train, in separate batches to avoid suspicion. They assembled in Cochin and boarded a small, shabby craft reeking of goats and chickens in the hold, that had been arranged for them. This was the *Phoebe.* They carried Sten guns and German ammunition that fitted their guns, to throw people off their scent. They headed north, along the western seaboard, for Marmagoa. To coincide with their arrival, a British agent had arranged, through a Goan official, for the Assistant Port Commissioner in Mormugão to invite the crew of the "stranded" ships and others in port, along with local dignitaries and their wives, to a lavish party at his residence. Apparently, this was perceived to be a goodwill gesture, with nobody sensing any sinister motives. As planned, the *Phoebe* deliberately sailed past Mormugão to throw off any suspicion. She was spotted by a German officer on watch on the *Ehrenfels,* but the captain dismissed her as an oiler or fishing boat and nothing unusual.

Under cover of darkness, with lights out, the *Phoebe* turned back, headed for the *Ehrenfels* and boldly pulled up alongside. A lookout officer challenged her but was told that she was a harbour barge. Next, the intrepid invaders started scrambling up ladders propped up against the German ship. They also flung grappling irons on to her deck. The loud clanging brought a sentry out. The immediate response was a huge searchlight aimed at them. A British officer fired a shot at the searchlight and shattered it with an explosive flash. The Germans were caught by surprise and stunned into believing that they were under attack. They let off a loud siren warning of being attacked, which also served as their cue to "destroy" their ships. The crew on the other ships instinctively readied themselves to confront the enemy and to scuttle their ships after setting them ablaze if push came to shove. Ashore, the revelers were rudely jolted as music, conversation and dancing came to an abrupt halt. They were in utter disbelief. This could not be happening in a neutral port. The sailors were out in the cold and could not get back to their ships. The invaders continued to carry out their assigned duties.

Plan 'A' was to seize control of the ship and sail her out of the harbour, while a couple of them were busy working to blow up the thick chain of the first of three anchors, with plastic explosives. The explosion was deafening, the link had broken, and the heavy chain sank into the ocean. As they were racing to blow up the second anchor, they found the deck to be slimy with the smell of paraffin. Simultaneously, a German fired a shot that scored the deck and it erupted into a ball of fire. At the same time, below deck, two of the invaders turned on the light of the engine-room and studied the massive diesel engine. They were crestfallen to discover that the engine had been immobilized by the Germans as a precaution. They immediately switched to Plan 'B'. They were able to blast their way past a heavy door behind a bulkhead, where they found a tiny cell which housed the hidden transmitter. They destroyed it in short order.

While all this was happening, the clarion call of the siren earlier on, was an ominous warning that they were under attack and had to follow protocol and scuttle their ship, while fire raged on deck. Valves were opened hastily, and seawater gushed

in through opened pipes. The *Ehrenfels* suddenly tilted and started going under. The *Phoebe* let off three siren blasts warning the invaders to withdraw post haste. After all her crew were accounted for, the *Phoebe* set off at Full Speed towards the open ocean. The other ships mistakenly thought that she was heading for them and panicked. They had held back precipitate action after the alarm, until now. The remaining three ships were soon ablaze and sinking fast. The "victims" had unwittingly torched and scuttled their own ships! The original word-of-mouth story turned out to be right, except that the press report that the underlying cause of the fires was a dispute between Nazi and anti-Nazi factions, was really invented. For the intrepid soldiers it was "Mission Accomplished". Thereafter, there were no more surprise attacks on British ships in the area.

The strange and daring escapade was depicted in a film called "The Sea Wolves", in the 80s and featured popular stars, Roger Moore, Gregory Peck, David Niven and Trevor Howard. It was filmed on location in Goa.

(Ironically, not long after the war was over, German ore carriers were found making a daily beeline for Marmagoa, to a conveyor belt jutting out into the ocean, towards the graveyard of their destroyed ships, to take on high-grade manganese ore for their auto engines.)

Perhaps all is fair in love and war, after all.

Acknowledgment | *Reconhecimento*

Article first published in The Global Goan, 2020 Oct, pp. 8-10 | *Artigo publicado em The Global Goan, 2020 Out, pp. 8-10.*

Biographical Notes | Notas biográficas

Armand was born in Uganda in 1930, was educated in Uganda, Goa and Poona. His credentials include training in business administration, auditing, management (M.I.Mgt., U.K.), and journalism. He worked for the Uganda Government and reached the rank of C.E.O. In 1969 he moved to Canada and worked as a Manager with the Canada Revenue Agency, retiring in 1994. He was active in sports, committee and volunteer work, global travel, handyman endeavours, and is a published writer.

Armand Rodrigues Armand nasceu no Uganda em 1930, recebeu instrução em Uganda, Goa e Poona. A sua diferenciação inclui treino em administração de empresas, auditoria, gestão (M.I.Mgt., Reino Unido) e jornalismo. Trabalhou para o governo do Uganda onde alcançou o posto de administrador executivo. Em 1969 mudou-se para o Canadá onde trabalhou como gerente na Canada Revenue Agency,tendo-se aposentado em 1994. Foi desportista, dedicou-se ao trabalho voluntário, viagens pelo mundo, a empreendimentos variados e é escritor.

PAULINO DIAS

Francisco da Purificação Monteiro

Sócio Fundador da Casa de Goa, Portugal

Founder Member of Casa de Goa, Portugal

Resumo
Um dos grandes vultos da plêiade de poetas indo-portugueses, Paulino Dias, versejou em poesia ocidental, o sentido ético e filosófico da vida, da mitologia, e dos épicos do hinduísmo. Na sua obra, emerge a sensibilidade e o conhecimento profundo da cosmogonia da Índia.

Abstract
One of the great figures of the plethora of Indo-Portuguese poets, Paulino Dias, versed in Western poetry, the ethical and philosophical meaning of life, of mythology and of epics of Hinduism. In his work, he unfolds the sensitivity and deep knowledge of India's cosmogony.

Dados biográficos

Francisco Xavier Paulino Dias, filho de Domingos José Dias e de Carolina Bragança, nasceu a 6 de Fevereiro de 1874, na aldeia de Santa Cruz. Faleceu em 23 de Dezembro de 1919.

Após os estudos secundários no Liceu de Nova Goa, matriculou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Goa onde concluiu a sua formatura em 1897.

Além do exercício da Medicina, desempenhou funções como docente, na Escola Normal, Instituto Comercial, e Liceu Central de Goa.

Foi colaborador assíduo de vários jornais e revistas sob os pseudónimos de "Priti Das" (Escravo de Amor) e "Assis da Gama".

Foi redactor da revista mensal "*A Clínica Moderna*" e, em colaboração com Adolfo Costa, dirigiu "*Revista da Índia*".

Coordenou a publicação dos almanaques, "Almanach de lembranças luso-indiano para 1907" e "Almanach de lembranças luso-indiano para 1908".

Grande parte da sua obra, foi conhecida após a sua morte com a edição do livro "*No País do Súria, Poemas Inéditos*", publicado pela comissão promotora de homenagem à memória do poeta. O livro, editado em 1935, foi prefaciado pelo professor Francisco Correia Afonso. Contém, entre outros, os poemas "*Indra*", "*Le Roi des Eléphants*", "*O Crime*", "*A Morte de Raugi*", "*Gandica*", "*Basmacura*", "*A Pracriti*", "*Verba Sacra*", "*A Satan*", "*Nirvana"* e "*Os Párias*".

Escreveu ainda "*A Desditosa Laura*", uma novela em cinco capítulos, publicada em 1894 no semanário "*A Voz do Povo*".

Por ocasião da sessão solene comemorativa do IV centenário do descobrimento do Caminho Marítimo

da Índia, que teve lugar nos Paços do Leal Senado de Goa, apresentou os poemetos "*Vasco da Gama*".

Foi colaborador assíduo de vários jornais e revistas.

Um olhar sobre a sua obra literária

Na opinião do Padre Filinto Cristo Dias, a inspiração de Paulino Dias desabrochou plenamente quando se emancipou dos paradigmas estrangeiros e se deixou inspirar pela ambiência característica do seu país natal, e pela essência e tradições da milenária civilização indiana[1].

Esta psique está expressa na "*A Deusa de Bronze*", um poema de 83 tercetos. O enredo, um monólogo de sensualismo e erotismo, entoado pela bailadeira Bhavani, a personagem principal, a despir o sari branco e soltar o imenso cabelo ondeado.

A cortesã, cansada de uma vida de luxo e prazer apaixona-se por Naga, uma cobra-capelo, muito ligado à mitologia hindu a quem se declara:

A Deusa de Bronze

Meu amor, meu amor, na febre e nos delírios
Eu venho para ti, tão linda e perfumada…
- Que loucura me abala e a sede dos martírios!
Que lindo é o teu olhar formoso e iluminado
Tem a fascinação fraudulenta do abismo
Acorda em mim a ânsia obscura do pecado.

Num travo de volúpia, Bhavani beija a boca de Naga, enquanto solta o seu cabelo e despe o sari e exclama:

Cinge-me bem, sou mole assim como a açucena
Sentes o meu tremor cansado e pudibundo?
Só a beijar meus pés, quantos reis afamados
Vêm com o cavado olhar; nostálgicos no mundo?
Palpa-me a coxa, palpa a minha carne pura,
Ó meu amor, descerra os meus olhos cerrados

Aperta o Naga que crava um dos seus dentes contra o seu seio, e, no desfecho típico das grandes tragédias exclama:

Venha já sobre mim a noite e o esquecimento.
Ó repouso, ó repouso abençoado e impassível!
. . . . . .

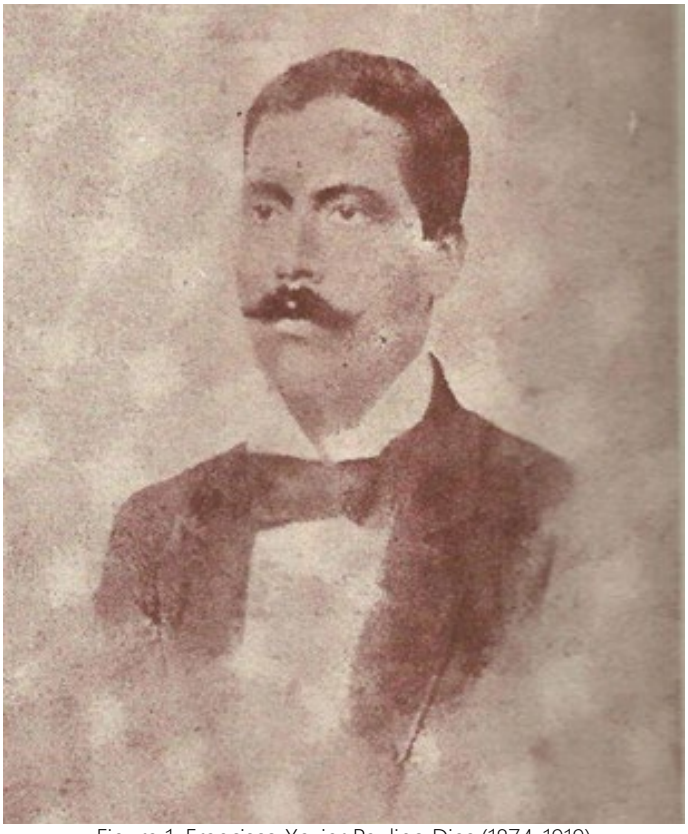


Figura 1. Francisco Xavier Paulino Dias (1874-1919)
(fonte: Galeria dos Goeses Ilustres, Facebook)

Não quero o mundo, a pompa, a tentadora glória
Uma glória, só da pálpebra pendida,
Cai com compaixão sobre a minha memória.
Alguém há de chorar uma mulher perdida!

Na opinião do professor Francisco Correia Afonso, "a arte de Paulino Dias exala o perfume da terra"[2], como se constata no seu soneto "*Viassa*", suposto autor da epopeia Mahabarata, cuja narrativa está centrada no processo e louvor da criação da natureza.

Viassa

Eu tive um sonho, vi o topo do Himalaia.
Picava-o o vento largo! E era um fragor de guerra,
Choques, gritos de leões, clarins, ondas na praia…
Em volta a Ariavarta, a milagrosa terra!
Escuro! E só o monte a erguer-se de atalaia…
Mas alguém era aí, com o escopro, o malho e a serra,
Numa fúria que não abate e não desmaia,
E gritei a tremer, agitado de frio:
– Quem é aí no pavor que amedronta e assombra,

A cortar e a rugir sobre um monte sombrio? −
Era então o luar um crescente de prata,
E ouvi dizer-me alguém pelo meio da sombra:
− É Viassa a esculpir o imenso Mahabarata.

Eufemiano de Jesus Miranda, interroga-se se Paulino Dias terá sido influenciado pelos cânones da escola parnasiana? Na sua opinião, "o soneto tem uma delicadeza e perfeição de forma que faz dele uma criação literária que toca as raias daquela mesma sublimidade que marca a figura excelsa do épico indiano"[3].

Para além do parnasianismo, nos poemas do Paulino Dias é também evidente o romantismo dos poetas indo-portugueses. Além de exaltar o relevo geográfico, é evidente o seu apego a vegetação da sua terra natal, quando glorifica o perfil dos coqueiros, os tufos graciosos dos bambuais, a filigrana dos tamarineiros, o aroma das lindas flores, sobretudo o místico lótus que se abre majestoso à tona das lagoas.

Em todos os seus poemas põe uma nota viva das paisagens idílicas, bucólicas, do manso cair das tardes; paisagens sequiosas com vegetação crestada por um sol impiedoso; paisagens soturnas com a monção a fustigar as florestas com a fúria dos vendavais.

Paulino Dias, como outros autores da Arte Indiana, não foi criador de Arte pela Arte, mas onde estão presente os princípios da moral, como se constata, na sua última obra, um poemeto bilingue (português/francês) com o título "*Vishnulal*", onde o autor narra, em versos alexandrinos de rima alternada e dispostos em tercetos, o remorso dum brâmane pecador Vishnulal, pelo crime de violação duma curumbina indefesa que transitava solitária pela encosta duma íngreme serrania, deixando-a exposta a voracidade do chacais:

Vishnulal

Eu sou de longe, eu tenho lembranças funestas.
Escuta, O Vatsura! Um dia entre mangueiras
Eu vi-a no sari e as manilhas de festas,
Os braços lisos como o caule das figueiras.
Eh, Madana, Madana, em meu sangue danado!
Ao vê-la no sol-posto, à orla das cordilheiras,
Olhos no chão, esquiva, e o pescoço inclinado
Tinha ela o mogarim e o pat sobre o cabelo!
E da aldeia ninguém, nem um pastor com gado!
Atrás dela só eu, como a cobra capelo.
Devo-a arrastar para longe da rua,
O seu pescoço com grossos oiros torcê-lo?
Não sou brâmane eu? Não sou um Deus, no coro
De outras gentes sem nome, o chandala e o pária?
Ela era cudvalina, com um mentido choro
Havia de ceder na rampa solitária.
O cheiro do seu pano é a pólvora e o rastilho!
Pós na minha cabeça a faísca incendiária.
. . . . . .
Quando procura fugir à justiça e vai ao encontro de um eremita, este brada-lhe com virulência:
….. Vishnulal, expia o teu pecado
Corta as tuas formas de homem infame e precitas
E fica em pé, com as mãos, altas ao céu calado
Distante do caminho, em meio de oiteiros−
Eu parti, vatsurá, com o pescoço inclinado.

Aleixo Manuel da Costa no seu livro "*Dicionário de Literatura Goesa*" escreve: "Paulino Dias era acima de tudo um poeta e como poeta ficará a marcar neste restrito meio intelectual um lugar, honrando esta terra: sob aquela figura, que nada impunha, naquele retraído, que fugia da praça pública, palpitou um coração a vibrar nas mais puras emoções da Arte".

"Não faltará quem aponte a crueza de certas situações que buscou materializar em verso e que seriam de chocar as austeridades da convenção, como se uma obra de arte fosse um código de moral. Ninguém, porém, dirá que lhe faltou o arrojo de concepção, o poder emotivo ou a originalidade da fantasia, característicos de um artista que "é o criador das coisas belas"[4].

Sua obra literária é a expressão mais bela do encontro e integração das culturas indiana e europeia e regista um momento histórico ímpar da humanidade.

A vida e a obra de Paulino Dias vista fora de Goa
Diário de Notícias de 1904

...Com efeito, desde a correcção da forma, a escrupulosa metrificação e a facilidade e riqueza da rima, até à delicadeza e elevação dos conceitos e à sobriedade das imagens, o poema do Paulino Dias

coloca merecidamente o autor entre os nossos mais brilhantes a aplaudidos poetas contemporâneos. De um "ecletismo aberto a todas as lutas", avesso a preconceitos, partidário de aliança da liberdade com a crença, o autor desenrola nos alexandrinos do seu prólogo uma larga profissão de fé literária e social, e conclui por atribuir ao amor, numa apoteose entusiástica, a faculdade e a glória de redimir o mundo das orgias, misérias, corrupções e crimes, sobre os quais se há-de restaurar a infância primitiva.

Mauro Neves (professor/coordenador do Centro de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade Sofia):

"*... mesmo se pudéssemos ignorar todos os escritores goeses até então mencionados, ser-nos-ia impossível esquecer a personalidade marcante que foi o principal deles no século XIX: Paulino Dias (1874/1919). Paulino Dias foi o mais autêntico dos escritores luso-indianos. De nome português, usava o pseudónimo hindu de Priti Das (Escravo do Amor), de religião católica, tratou poeticamente o hinduísmo com um fervor pouco comum; de formação científica moderna, monta uma pequena indústria de farmacopeia ayurvédica... suas poesias filosófico-científicas, outros escritos e o drama de fundo indiano, Os Párias, marcariam Goa, como também Macau e até mesmo Portugal na passagem do século XIX ao XX. Paulino Dias o poeta goês nascido em Santa Cruz – Ilhas*".

Alfredo de Mello no portal da poesia ibero-americana diz:

"*Um passo mais avançado nessa fusão de Arte e Sentimento entre a Rima Lusitana e a Orgânica Indiana é o poeta Paulino Dias. Belo tipo drávida, esbelto e elegante, o rosto oval de uma pureza de linhas harmónicas, os olhos em amêndoas, de um negro que faísca, o tom de uma calma aparente ocultando revoltas de volúpia insatisfeita. Expressão por vezes espasmódica, convulsa, filha de ritmo e rima; mas alguns dos seus alexandrinos, marmóreos como os de Guerra Junqueiro, sobretudo quando as suas imagens são inspiradas na grandiosidade do cenário indiano. Mesmo nas suas líricas desenha-se uma personalidade forte, porque Paulino Dias é filho do povo que vibra com as emoções colhidas no seu próprio solo. Daí as suas composições em que voeja o sopro indiano serem simplesmente magníficas*".

Glossário

Arecais – Conjunto de árvores da família das palmeiras que dão um fruto conhecido como areca, que é utilizado para mascar.

Bulbul – (Pycnonotus xantholaemus) - pássaro muito comum em Goa, com cabeça e pescoço amarelo.

Chandala – Termo depreciativo utilizado para designar uma casta desprezível.

Cudvalina – Rapariga ou mulher curumbim.

Madana – Cupido.

Mogarim – Flôr de campo parecida com o alecrim.

Pat – Adorno, laço.

Bibliografia

1. Pe. Dias, Filinto Cristo. *Esboço da História da Literatura Indo-Portuguesa*. Tipografia Rangel. Bastorá – Goa. 1963
2. Afonso, Francisco Correia. Prefácio. "*O País de Suriá*" de Paulino Dias. Nova Goa 1935.
3. Pe. Miranda, Eufemiano de Jesus. *Oriente e Ocidente na Literatura Goesa*. Editora Goa 1556. 2012.
4. Costa, Aleixo Manuel. *Dicionário da Literatura Goesa*. Instituto Cultural de Macau. Fundação Oriente, 1997.

Nillu

Sheela kolambkar-hachi lhan kotha - dusro bhag

Nillu

Um conto de sheela kolambkar - segunda parte

Sheela Kolambkar

Contista, Mumbai
(Notas biográficas no fim)

Short story writer, Mumbai
(Biographical notes at the end)

Devanagarintlem Romi lipiantor and Portugez bhaxantor korpi – Óscar de Noronha

Transliteração do concani em caracteres devanagáricos para romanos e tradução para português – por ***Óscar de Noronha***

Transliteration from Konkani in Devanagari scripto to Roman script and translation into Portuguese – by ***Óscar de Noronha***

Oslich ek gozal to Narveche zatrechi sangtalo. ‘Zanna mugo bai, ten’na hanv lhan aslom. Mhunnchem asot sotra, ottra vorsancho, go. Tea tempar oso khõi zatra bi asleo zalear hanv ani mhoje amig soglleant fuddem. Zatrek vochop, bhonv-bhonv bhonvop ani zatra sompli kai na nattok polloun asa toxe fantondder ghora ievop. Osoch ek khepe hanv zatrek gel’lom Narveam. Thõi disachi zatra zata. Ani rat zali mhunntokoch devllachea tea vattarant ratik konnuch ravina. Tea ganvchi hi rit. Mhaka ti khobor naxil’li. Hanv gelom ani devllan vochun susegad nhidlom. Bore ratir mhaka zaag aili. Khub lok uloitat oxem aikunk ailem. Hanvem bhair pollelem zalear pois savun chuddi ghevun konn tori ietat-xem

Contava uma história semelhante a respeito do zatrá (1) de Naroá: ‘Sabes, ó rapariga, eu era miúdo na altura, quer dizer, dos meus dezassete ou dezoito anos. Naqueles tempos, se houvesse um zatrá, estávamos à testa eu e os meus amigos. Íamos lá, e andávamos a valer; e, por fim, íamos ao teatro, voltando para casa de madrugada. Uma vez, fui assim ao zatrá de Naroá, que se realiza de dia; e chegada a noite, ninguém fica nos arredores do templo. É uma praxe aldeã, que não conhecia. Fui ao templo e aí dormi a sono solto. Despertei à alta hora da noite com a zaragata duma multidão. Quando olhei para fora, avistei gente a marchar em direcção ao templo. Reparei no clarão do grande número de tochas, mas não sabia quem

mhaka dislem. Khub chuddi! Uzvaad dista. Punn teo konnem ghetleat tem kollona. Chuddiekar bobo marit ietale. Mhuntta mhonsor Devi-le gorbkuddichem dar apxinch fottok korun uktem zalem. Boro uzvaad sokalleak patoll'lo. Boro vas ailo. Ani Devich bhair aili. Hanv thond ãã korun devtek polloun urlom. Devi-lem lox mhojer ghelem ten'na tinnem thõi axil'lem thirth ghetlem ani mhojer ximpdailem. Teaborobor hanv saap bhurgeavori zalom. Tinnem mhaka ukhol'lo ani aple honttient ghalo. Ani ti bhair vochot zalear te soglle chuddiekar devlla bhair ube asat. Devik polloun te nachunk lagle. 'Monxa vas!' 'Monxa vas!' mhonnunk lagle. Devin tankam xant kelem. Tankam bosoilem ani jevonn vaddlem. Tea jevnnacho vas kitlo boro axil'lo mhunn sangum? Mhoje jibek udok suttlem. Punn thondantlean utoruch bhair futtna zalem. Magir kitem zalem khobor nam. Punn dusrea disa zago zavun pollet zalear hanv eka zaddar asa. Mhoje dost mhaka sodtale. Mhaka te distat punn hanv tankam disona. Bob marunk sodtam hanv punn tondantlean utor futtna. Nimanne suria udelo ani mhoji vacha suttli. Hanvem tenna bob marli. Lokamni zaddar choddun mhaka sokol denvoilo. Sogllo lok mhonnunk lago, 'Tugelem noxib borem mhunn tum vanchlo. Na zalear tim bhutam khetam tuka pisddun khatlim aslim.'

Nillu-li hi khobor aikun amchi bhievn gulli zatali.

Nillu-lim gozali monxa monxapromann bodoltaleo. Mhoje ajiek to devadhormacheo gozali sangi. Mhoje avoik to ganvantleo bhangoddi sangi tor babak apnnem kel'lea budhvontponnacheo gozali sangi. Amcheo piraio bodlot gheleo toxeo tageleo gozali bhutam khetamvelean monxacher aileo.

'Zanna mugo bai, eka ganvant mhozo eklo mitr asa. Tachi avoi meli. To vhoddavhoddan roddtalo.'

'Roddpachoch nhoi? Kitli-i zalear ti tageli avoi,' ami mhunntalim.

'Khõicho go? Tumkam kitem disle, to tache avoik roddtalo?'

'Hoi!'

'To avoik roddonaxil'lo.'

'Magir?'

'To roddtalo to dusrech khatir. Atam hi meli. Higelea baraveak jevonn diunk zai. Tache khatir poixe khoimchean haddche, hem chintun to roddtalo.'

Ani magir ami hans hans hanstalim.

as segurava. Esse bando vinha a berrar. Entretanto, abriu-se por si a porta do quarto da deusa, espalhando claridade de alvorada por toda a parte, e se fez sentir um agradável perfume. E quando a própria deusa saíu do quarto, fiquei eu, todo pasmado, a fitá-la. Ela olhou-me e aspergiu com a água benta que estava aí perto. Nesse mesmo instante, tornei-me tal qual um menino, a quem ela levantou e pôs no seu regaço. E enquanto ia ela a sair do templo, estavam todos já aí postados com as tochas. Vendo-a, puseram-se a dançar, ao mesmo tempo que gritavam: 'Cheira a homem! Cheira a homem!' A deusa acalmou-os; fê-los sentar e deu-lhes de comer. E que bom aroma era esse da comida! Fez-me água na boca mas nem uma palavra pude articular. Não sei o que se passou depois disso: quando me levantei no dia seguinte, vi-me empoleirado numa árvore. Os meus amigos andavam à minha procura; podia vê-los, porém, eles não me viam; e, querendo gritar, não me saía patavina. Por fim, raiou o sol e desatou-se-me a língua. Gritei. As pessoas subiram à arvore e ajudaram-me a descer. Disseram todos: 'Tiveste sorte, senão os fantasmas te reduziam a farrapos.'

Apavorante, essa história do Nillu.

As suas histórias variavam de ouvinte para ouvinte. À minha avó, relatava histórias religiosas. À minha mãe, contava os mexericos da aldeia, e ao pai, as suas próprias proezas. Tal como foram decorrendo os nossos anos, as suas histórias passaram das de fantasmas para as de pessoas reais.

'Sabe, menina, tenho um amigo na aldeia. Chorou de desalento quando lhe morreu a mãe.'

'Então não havia de chorar? Enfim, tratava-se de sua mãe!' – retorquimos.

'Ora essa! Pensam que chorava pela mãe?'

'Sim!'

'Não chorava pela mãe.'

'Então?'

'Era por outra razão. No décimo-segundo dia após a morte tinha ele a obrigação de arranjar uma refeição. Chorava a pensar em como ia achar dinheiro para tal.'

Ouvindo isso, rimos a gargalhadas.

'Vejam lá os costumes da nossa terra! A morte de uma pessoa causa tristeza. E no meio disso tudo, essa inútil despesa! Se algum dia fôr rei, hei-de pôr termo

‘Kitem amchea ganvantleo riti? Ektor monis mela tachem dukh’kh asta. Tantunt ho anik ek noxtto khorch! Te poros hanv tor raza zalom zalear heo jevnnavolli bondh kortolo ani ganvkarank sangtolom, mel’lea monxachea ghorantleank ek-ek dis ek-eklean jevonn vhorun divchem. Titloch tankam pondra dis xok korunk melltolo. Hatavelea pottache he lok. Osle lok ganv jevonn koxe ghaltole? An’naddi amcho lok!’

Dat’tu Nillu-lo dost. Dat’tulem logn zalem. Tachem Bit’ttona kai khõi mavoddem axil’lem. Mãin zavõiak xigmeank apoil’lo. Zanvoi veta mhonntokich dedde ailech! Zanvoia vangdda dedde-i bin gele. Tantunt Nillu-i axil’lo. Soglle mellun axil’le dha-bara zonn. Kheriz mavoddea anikui soire axil’le. Bhair angonnant boxil’le kodden tol’lilim sungttam ani postamcho vas ietalo. Bangddeachea humnnak ghal’lim tefllam jibek udok haddtalim. Poilim zanvoi ani dedde jevonk bosle. Jevnnant pollet zalear hankam peddveamchem humonn ani ordh-ordh post vaddlam. Anink kãi na. Velean Dat’tuchi mãi mhonnta: “Nustem kãinch mel’llem na. Ragar zanvum nakat babamno.”Nillun mhollem: “Xe, xe! Tantunt tumchi kosli chuk, mauxe? Aiz xigmeak soglleageruch gordi nhoi? Ten’na nustem mharog asunui mellchem nam.”

Itliant Dat’tuli maim vadd mhunn dhuvek sangun dhodd ghevun bhaincher geli. Ti udok haddunk geliaxi polloun Nillu uttlo. Tannem randchem kuddint vochun Dat’tule bailek vicharlem, ‘Vhoni, tollil’lim sungtam khõi dovorleant?’

Vhoni bhavddi kitem sangtoli? Nillun poilim pattaponda dhampun dovoril’lim tollil’lim sungtam ani postam kaddlim, ani dhavea hatan soglleank vaddlim. Tannem dusro patt ugddun ponda kitem asa tem pollelem. Thõi ukdil’lim tanteam axil’lim. Tinvui tannem ubarlim. Soglleank vaddlim. Ani Dat’tuli maim dhodd ghevun ghora ievche poilim asa toso jevpak ieun boslo.

Soglle bore iotest jevle ani bhair sorle. Dat’tuli maim te uprant zanvoi-ak ani tagelea dheddeank apoupachea fondant kennach poddli nam.

Xannu-babali choli dhavea pãian matxi kut’tali. Tigelo dhavo paim il’lo mottvo axil’lo. Tigelo dhavo dollo-ui matso barik-so. Osle cholie koden logn konn zatlo? Bori dot ditlo mhunn kitem zalem? Eke saidden pollelear bori distali. Nillu Xannu-babak bhudh’ dili ani cholielem logn zalem. Xannu-baban choliechem

a essas festas, e farei ver ao povo que os enlutados precisam que, cada dia, alguém lhes ajude com as refeições. Isso dar-lhes-ia uns 15 dias para expressar o luto. É gente remediada. Como podem oferecer um banquete aos aldeãos? É estúpido o nosso povo!’

O Dattu, amigo do Nillu, era homem casado, cujos sogros viviam em Britona, ou lá perto. Quando a sogra convidou esse genro por ocasião do Xigmó (2), foram, naturalmente, os acompanhantes do seu casamento, entre eles o Nillu. Além deles, estavam lá, sentados no quintal, outros familiares dos sogros. Cheirava a camarão e peixe frito. As tefflam (3), ingrediente do caril de cavalas, criaram água na boca. Sentaram-se à mesa, primeiro, o genro e os acompanhantes. Qual não foi o seu espanto, foram servidos caril de sardinhas e meias postas de peixe. Nada mais. Ainda por cima, disse a sogra do Dattu: “Não havia outro peixe no mercado. Não reparem, meus senhores.” Acudiu o Nillu: “Lá por isso, não se preocupe, tia! Hoje, por ocasião do Xigmó, há convidados em todas as casas. Por isso, não haverá peixe à venda, nem que seja caro.”

Entretanto, a mãe do Dattu, tendo pedido à filha que cuidasse dos hóspedes, saíu com uma corda para tirar água do poço. Entretanto, levantou-se o Nillu; foi à cozinha, e disse à esposa do Dattu: ‘Vhoni (4), não há aqui camarão frito?’

O que podia dizer a pobre da cunhada? O Nillu retirou o camarão e as postas encobertas pelo tamborete e, com a mão esquerda, serviu os hóspedes. Depois, debaixo dum outro descobriu ovos cozidos, que também distribuiu. E antes de a mãe do Dattu voltar com a corda, sentou-se à mesa e pôs-se a comer.

Foram-se embora saciados. A mãe do Dattu nunca mais caíu na asneira de convidar o genro e os seus acompanhantes.

A filha do senhor Xannu era coxa do pé esquerdo, que era um tanto curto. Tinha também o olho esquerdo um bocadinho fino. Quem casaria com uma rapariga dessas, nem que fosse pelo avultado dote? Vista de um lado, parecia ter boas feições. O senhor Xannu, por manhas do Nillu, pôde casar essa filha. E depois do enlace, aquele encheu a vhontt (5) com presentes para o Nillu: a esposa deste recebeu um sari, e ele, tecido para casaco, além de puddvém.

logn zatokich Nilluli zoddpean vontt bhorli. Nillule bailek kapodd mell'lem, Nilluk judiek lugot ani puddvem mell'lem.

Nillun te choliek koxi khopoili? Choleak choli dakhoili ti choli bhãi velean dhodd handdir ghevun ieta astana. Atam kombrar dhodd astokuch bailam matxim vankddim choltatuch. Kheriz, uzve vattentlean choliek pollelean dhave vattencho dollo dixtti poddlo nam. Mall poddtokich dolleam mukhar choli polletokich nhovro zalo ragar. Nilluli zap toiar axil'li. 'Tuka, baba, anik kitlixi sundor choli mellpachi? Bhailamlem kitem asta? Tanche thonddar lugot uddoilem mhunntokuch sogllim bhailam sarkinch. Tantunt kãi forok na. Kheriz Xannu-babalo zanvoi mhunn lok tuka kitlo man ditle, khobor asa? Choli bori sonvsari. Randop, xivonn-sut bes borem ieta tika. Tugelo sonvsar boroch sukhan korteli ti!'

Nillun zolma ievun kam' kelem na oxem mhonnum nozo. Tagele avddichem ek kam axil'lem. Tem to kortalo. Punn tem kam axil'lem 'seasonal'; mhollear to goddgoddo choloitalo. Ani ho goddgoddo cholounk zatra na zalear festam ievchim poddtalim.

Ek khepe eka ganvant zatra axil'li thõi Nillu apnnalo goddgoddo ghevun gel'lo. Goddgoddo ratcho saddebarank suru zatalo ani uzvaddtasor choltalo. Ek dis Nilluk kainch nhoi mhollear panch sovxem rupiamchi zodd zali. Nai zalear minak lagun lokamkodden duddu golltaloch. Uzvaddle borobor Nillu devllache tollient nhalo. Tannem borim ikra rupiamchi fulam ghetlim ani to devllant gelo. Paiam poddlo. Devtek fulam diun porta ietna vattent tagelea pãiak kitemtori toplem. Kitem kãi mhunn pollet zalear konnali tori gollsori! Bhangarachi! Nillulo jiv dhadosbhorit zalo. Tannem ti bolsant ghali ani tosoch vochun agarsallent nhidlo. Zago zalo to konnalea tori vhodda vhoddan roddpachea avazan. Kitem zalem mhunn pollet zalear ekli bail roddta. Kitem zalam zavonk zai tem Nilluk rokddench kol'lem. Taka sutt' zalem. Higelich zavunk zai hi gollsori. Tannem te bailek vochun vicharlem:

'Kitem zalem ghe roddpak?'

'Kitem sangum, baba! Mhoji gollsori xennli.'

'Gollsori xennli? Kai, konnem chorli ghe?'

'Xe, xe! Chortolo konn? Mhojekoddlean ti xennli.'

'Xennli zalear xennli. Dusri korun ghal. Vogich bob marun roddta kiteak?'

Como é que o Nillu pôde dar saída à rapariga? É que deixou que o rapaz a visse quando ela ia a caminho do poço, com uma bilha de água na anca. Isso não permite que a mulher ande direita. Além disso, o rapaz observou o lado direito da rapariga, ficando inibido de notar o olho esquerdo. Quando a viu face a face, depois de lhe pôr a grinalda, o rapaz ficou aborrecido. O Nillu tinha, porém, pronta a resposta: 'Que outra beleza esperas tu encontrar, meu rapaz! Que têm as mulheres? Uma vez vestida de sari, que cobre parte do rosto, todas elas se parecem. Não existe diferença alguma. De mais a mais, sabes como hás-de ser respeitado como genro do senhor Xannu? É sociável a rapariga: sabe bem de cozinha e de costura. Há-de dar-te muita satisfação na vida!'

Não é lícito afirmar que o Nillu nunca trabalhou na vida. Exercia uma função predilecta, se bem que sazonal: o jogo de dados. Para esse fim, não deixava passar nem feira nem festa.

De uma vez, o Nillu montou esse jogo no zatrá de certa aldeia: começando à meia-noite e meia ia até à aurora. Um dia teve uma entrada de nada menos de quinhentas ou seiscentas rupias. Ora, pelo menos em virtude das minas, a gente tinha dinheiro a valer. Quando amanheceu, o Nillu mergulhou-se na lagoa da devalaia. Mais tarde, levou ao templo belas flores no valor de onze rupias: prostrou-se aos pés da deusa e ofereceu-as. De volta, furou-lhe algo no pé: um colar de oiro. Sentiu-se feliz. Pô-lo no bolso e dirigiu-se ao dormitório do templo. Acordou só por ouvir alguém a chorar. Tratando-se, afinal, de uma mulher, o Nillu imediatamente deu com o caso. Assustou-se, pois aquele colar podia bem ser dela. Perguntou-lhe então:

'Porque choras, ó mulher?'

'Que quer que lhe diga, senhor? Perdi o meu colar.'

'Perdeste o colar? Ou alguém lho teria roubado?'

'Não, não! Quem haveria roubar? Eu é que o perdi.'

'Bom, se perdeste, não há remédio! Manda fazer um outro. De que serve estares agora a chorar?'

'Ó senhor, que mais posso fazer senão chorar? Que feliz me sentia a usar esse colar! Aliás, não era meu. Tinha-o pedido de empréstimo à minha nanddi (6); e se os da casa dela souberem disso, não lhe pouparão! Que o diabo me leve. Que parvoice essa minha de usar um colar emprestado. Agora como vou encarar

‘Are baba, roddum naka zalear kitem korum? Gollsori ghalpachi umed zal’li nhoi mhaka? Hi gollsori mhoji nhoi. Hanvem ti magun hadil’li nanddeli atam nanddelea ghora kollot zalear tigelea ghorcho lok tika oxi soddta? Padd poddum mhojem. Khoinchi paddi bhudh’ zali mhaka ani bhangaram magun haddlim hanvem. Atam nonddek tondd koxem dakhoum hanv?’ – oxem mhunn vhoddavhoddan ti roddunk lagli.

Nillun tika vicharlem: ‘Atam tum ji roddta, tea roddnean tuka tugeli gollsori porti mellteli?’

‘Mellum, na mellum! Punn roddle bogor ranvum ieta? Konnak mell’li tachem Dev borem korum.’

Nillu kuddint gelo ani gollsori gheun ailo.

‘Hi polle ek gollsori. Sokallinch mellil’li ti mhaka. Tuji hi?’

‘Hoi re, saiba! Hich ti. Tum dev koso pavlo mhaka.’ Oxem mhonnun te bailen sorol Nillule pãim dhorle. ‘Mhoje bhava, tum Deva bhaxen pavlo mhaka. Aiz tuvem amger jevunk ievunkuch zai. Ieta mhunn. Magir tugele pãim soddta.’

‘Tum poilim devllant voch. Devi mhoreant vochun soput ghe. Hache mukhar ken’nach bhangarachi vost magun ghalchi na mhunn sangun!’

Tea disa Nillu tiger jevunk gelo. Jevun to tanger nhidlo. To bod’dod ratikodden uttlo. Ratikodden jevun bi to porto bhair sorlo. Punn apnnak bhair angnnant hantunn dovor mhunn te bhoinnik sangunk to visorlo na.

Ratikodden portun tacho goddgoddo suru zalo. Adlea disa jea konnãle poixe gel’le tannim polisent kex kel’lo zavunk zai. Na zalear zilimni lipun goddgoddo khelltolea Nilluk polis koxe dhorun vhorpache? Pulisani Nilluk goddgoddea soit dhorlo. Tori borem, Nillun kalche poixe te manil’le bhoinnikodden dovoril’le. Fuddem kab, fattlean don pulisamodim Nillu oxi vhonkolpavnni vochunk lagli.

Ratikodden kirr kallok patoll’lelo. Uzo zata mhunn Nillun khomis kaddlem ani hatant dhorlem. Ani velean pulisamcher to taplo. ‘Hatak kitem dhortat? Poilinch kitlo uzo zata! Hanv khõi pollun vochna. Hanv pollun vetlom-so dista zalear mhojem puddvem dhorat.’

Hea ganvcho purai vattar Nilluk khobor axil’lo. Choltam-choltanch Nillun puddveache kironvttichi gantt halluhallu sodoll keli. Ani taka zai te suvater

minha cunhada?’ – disse, continuando a chorar amargamente.

O Nillu respondeu: ‘Chorando dessa forma vais ter de volta esse colar?’

‘Não importa que encontre, ou não! Mas como posso deixar de chorar? Que seja feliz aquele que o tiver achado.’

O Nillu foi ao quarto e voltou com o colar.

‘Cá está um colar. Encontrei-o esta manhã. Seria teu?’

‘Sim, meu senhor! É este mesmo! Acudiste-me como um deus,’ disse ela, ao mesmo tempo que caía de joelhos agarrada aos pés do Nillu. ‘Meu irmão, vieste em meu auxílio como Deus. Hoje tens de vir sem falta almoçar a nossa casa. Só se disseres sim largar-te-ei os pés.’

‘Vai tu primeiro ao templo. Dá graças à deusa. Promete que, de hoje em diante, jamais usarás uma coisa de oiro emprestada.’

Nesse dia o Nillu almoçou em casa dela. E, dormindo aí a sesta, levantou-se só à noite. Jantou e saíu. Não se esqueceu de recomendar a essa irmã que lhe deixasse no quintal a sua roupa de cama.

Nessa noite retomou o jogo de dados. Os que haviam perdido dinheiro na noite anterior, teriam eles queixado à polícia? Aliás, como se explica que os guardas se tivessem escondido no matagal para apreender o Nillu? Apanharam-no em flagrante. Ainda bem que confiara àquela estimada irmã o dinheiro da noite anterior. Com um cabo de polícia em frente e dois guardas atrás, o Nillu parecia rumar à sua tornaboda.

Estava tudo às escuras. A pretexto do calor o Nillu despiu a camisa e pegou-a na mão. E ainda por cima zangou-se com os polícias: ‘Porque pegam na minha mão? Então não vêem que faz tanto calor?! Não vou fugir. Se têm dúvidas, peguem no meu puddvém.’

O Nillu conhecia essa aldeia como a palma da mão. Enquanto caminhavam, o Nillu foi, aos poucos, desapertando o nó do puddvém. A certo ponto, empurrou com toda força os dois polícias, e pôs-se a correr naquele escuro como breu. Nas mãos dos polícias ficou só o puddvém do Nillu. O preto do Nillu desapareceu no preto da noite, desconhecendo-se o seu paradeiro. O cabo disparou na direcção em que ele corria; só estorvou os passarinhos, que

panvum naka, dogui pulisank nettan dhuklun to dhanvlo. Kinn kallokh! Pulisanchea hatant Nillulem fokot puddvem urlem. Kallo Nillu kallokhant nach zalo. Konnak pot'to laglo na. Nillu dhanvun gel'le diken kaban far marlo. Punn suknnim bettinch uttun add'dunk laglim…

Pollun gel'lo Nillu bod'dod aple manil'le bhoinniger ailo. Sogllo lok nhidil'lo mhunn borem zalem. Na zalear te nagdde avostent Nilluk polloun lok denvchar mhunn bob martele asle. Sompear Nillulem hantunn axil'lem. Tannem pangrunn matheavelean ghetlem ani to susegad nhidlo. Sokallim uttun tannem apli mustaiki magun ghetli ani to bod'dod ghora gelo.

'Gõy svotontr zavche poilim utrak mol axil'lem. Atam poixe laile bogor kitench zaina' −oxem Nilluk sangchem. Atam koslem-i konnalem kam' aslear khoim ani kitlem vozon dovorlem mhunntokoch tem kam' zatlem hem Nillu distdist sangtalo. Tagele dost taka mhunntale: 'Nillu, him oslim poixe ghevun tum lokalim kamam korta tem borobor nhoi. Ken'na angar xekot sangum nozo. Polle, samballun re baba!'

Hacher Nillulem somorthon aikopasarkem. 'Zanna tum, sorkari nem'ani kaide hea rostean zor tum vochxit zalear ek kam' zatasor kalleachem dhovem zatlem. Teach kamak tum matso vankddea rostean voch. Tugelem kam' rokddench zata. Sorol rostean cholotleanchem zog atam urunk nam. Tumkam khobor asa nhoi, devali topoxcharea korun taka proson'n korun ghevpak bara vorsam lagtat mhunn. Atam bara vorsam vatt polloupa itlem pasiens asa konnakodden? Devakoddlem tench kam', umaxek devcharak kombo kapit zalear dusrea disa zata. Atam devcharak kitem divchem tem tumchea kamavoilean tharavpachem. Sadem kam'aslear sur-rontt. Tache poros matxe kottin kam' aslear kombo. Bhovuch kottin kam' aslear mat bokddo. Atam tumich sangat, kombo kapun kam' korun ghetil'lem borem kai bara vorsam topoxcharea kel'li bori?'

Ek dis khobor aili, Nilluli vhoddli choli konnalo tori hat dhorun pollun geli mhunn! Aji mhonnunk lagli. 'Vochpachich! Ho oso almped'dear. Aplo sonvsar ubont uddoun sogllea zogacho sonvsar ho korta. Ten'na te bavdde cholien aplem sukh apnnem sodlem zalear tantunt tichi kosli chuk? Gelem tem borem zalem. Gelam thõi sukhi zanv.'

Uprant Nillu amger ail'lo tenna to tiddkol'loso distalo.

começaram a bater as asas em revoada.

O fugitivo foi, sem desvio, à casa da estimada irmã. Ainda bem que toda a gente estava a dormir; senão, tomando o meio-nu do Nillu por fantasma, desatariam aos berros. Sobre o assento do quintal estava a roupa de cama. Coberto de cabeça para baixo, dormiu a sono solto. Levantando-se muito cedo, pegou da sua roupa e foi direitinho para casa.

'Antes de Goa ficar livre, a palavra tinha valor. Hoje, nada se avança sem peitar' – dizia o Nillu. Actualmente, sabia qual a diligência que teria bom êxito e a pressão a exercer. Os seus amigos comentavam: 'Nillu, não é lícito estar a resolver os assuntos da gente com a força do dinheiro. Não se pode dizer quando isso irá atingi-lo de ricochete. Veja lá, tenha cautela!'

Vale a pena ouvir a justificação do Nillu: 'Sabe, se seguir o caminho direito das leis e regulamentos, antes de chegarmos ao fim o preto tornar-se-á branco. Ora, a trajectória meio torta é mais rápida. Já não existem os que seguem o caminho direito. Vocês sabem, pois não, que a vida de asceta leva doze anos a satisfazer os deuses. Ora, quem tem paciência para esperar doze anos? Ao invés do divino, se pela lua nova se sacrificar um galo ao deuchar (7), seja qual fôr a diligência, ela sai bem sucedida no dia seguinte. Ora, o tributo que se deve prestar ao deuchar depende da tarefa: se fôr de pouca monta, sur-rontt (8); se um tanto difícil, um galo; e sendo dificilíma, um cabrito. Ora, digam vocês, melhor seria atingir o alvo mediante o galo ou uma dúzia de anos?'

Quando se ouviu um dia que a filha mais velha do Nillu havia fugido com um rapaz, comentou a minha avó: 'Fez bem! Ele é uma alma perdida! Abandonando a própria família, vela pelos interesses de todo mundo. Então que mal há em que a coitada da rapariga vá à procura da sua felicidade? Foi-se embora, e fez bem. Que esteja feliz onde quer que esteja.'

Depois disso, o Nillu veio a nossa casa, com ar de indignação.

'Se me vier parar à mão, mato-a, ou não valho o prato que como! Nem sequer nos mostrou a cara. Seria bom que tivesse morrido à nascença.'

A minha avó chamou-o e disse: 'Ó Nillu, você é

‘Tem hatakuch lagum di mhojea, taka jitench marun uddoilem na zalear nanvacho Nillu nhoi hanv! Tondd dakhounk legit zago dovorlo na tannem. Zal’lem tennach mel’lem zalear borem zatlem aslem!’

Mhoje ajien Nilluk apoun vhelo. Ani taka vicharlem, ‘Are, Nillu, zogaveleo uchapoti tuka khobor asta. Ani tugelea ghorant kitem chol’lam hem tuka khobor naxil’lem re? Tum kitem dolle dhampun choltalo? Sogllea zoga lokak khobor axil’lem tugeli choli konnavangdda bhonvtali tem. Amchea Gõyant Ponnje konnem ghann ghali zalear Kankonnmeren tacho vas marta. Ani tuka kainch khobor naxil’lem mhonnta tum?’

‘Khobor axil’lem ghe! Hanvuch vogi ravil’lom. Jen’na bailen cholie samkar mhaka tageli khobor sangli, ten’na hanvem ghor mathear ghetlem. Choliek sanglem, tum zor portun choleaborobor bhonvtana dixtti podxit zalear tugele donkech moddun ghaltolom. Don-char dis tachi rakhonn bi keli. Eke kuddint taka dhampun dovorlem. Jevonn bi dilem na. Punn amchi hi taka upaxim dovorchi na hem mhaka khobor axil’lem. Char-panch dis tachekodden koddok vaglom. Magir matxem taka soil soddlem. Mhaka khobor aslem, oxem kele bogor tem pollun voch’chem na mhunn!’

‘Punn ek sang re, cholo boro nhoi?’

‘Cholo ekdom’boro. Sodunk gelear mellcho na, itlo boro. Boro xikla. Nokri korta. Ghordhar asa. Avoi bapailo ekloch put. Tin bhoinni taka. Tigãichem logn zalam. Tisri bhoinn hi mhoje choliechi moitrinn. Tika lagunuch hanchem zomlem. Tankam soglleank mhoji choli avoddlea.’

‘Soubhagea, itlem sogllem khobor asa tuka. Magir tuvem tichem logn kiteak korun dilem na?’

‘Tum anik kitem uloita ghe? Hanv oso almped’dear! Choli ani nal’l diun logn korchem mhollem tori legit nal’lak poixe dium zai kai na?’

‘Hanv tuka divpachim mure nal’l.’

‘Toxem nhoi ghe! Ritipromann logn korun divchem mhollear cholie angar kanknnam, sorpolli, kanantlim bi vosti ghalum naka? Chalipromann char lokank afounk naka? Unnench mhollear dha ek hozar rupia korch asa. Ani mhojekodden tor dha rupia legit nat. Magir kitem korum? Mhollem, choliek vochum di pollun. Choli-i suttli ani hanvu-i suttlom.’

‘Atam dusri choli re? Tikai pollun voch mhunn

um intrometido, e nem sequer ficou a par do que se passava em sua casa? Porventura andava de olhos fechados? Todo mundo sabia do rapaz que namorava a sua filha. Na nossa Goa, se alguém claudicar em Pangim cheira mal até Canácona. E você diz que nada disso sabia?’

‘Então, não sabia! Só fiquei calado. Quando ouvi essa história da boca da minha mulher e na presença da nossa filha, tomei isso a peito. Disse à rapariga que partir-lhe-ia as pernas se fosse encontrada novamente em companhia desse rapaz. Até a vigiei durante uns quatro dias. Meti-a num quarto. Sem comida. Mas calculei que a minha mulher não a deixaria à fome. Fiz-me teso uns quatro ou cinco dias. Depois, desprendi-a um tanto. E sem que eu a sujeitasse a tudo isso, sabia que ela não fugiria.’

‘Diga-me então: o rapaz não presta?’

‘O rapaz é excelente. Uma raridade. Bem instruído. Está colocado. Tem casa. É filho único. Tem três irmãs, todas elas casadas; a terceira é amiga da minha filha, por intermédio de quem eles se conheceram. A família gostou da minha filha.’

‘Ó seu felizardo, se você sabia tudo isso, porque não concordou que eles se casassem?’

‘Que pergunta é essa, Senhora! Sou uma alma perdida! Mesmo que me pedissem apenas a minha filha e um coco (9), não teria eu a despesa do coco?’

‘Este dar-lhe-ia eu!’

‘Não é isso, Senhora! Segundo a praxe, casar a filha é só pôr-lhe as manilhas no braço, um fio, brincos e coisas dessas? E não se costuma convidar umas quatro pessoas? Isso daria uma despesa de pelo menos dez mil rupias, quando eu não tenho nem dez rupias. Portanto, que podia eu fazer? Disse então com os meus botões: deixando-a fugir, ficamos livres ela e eu.’

‘E a segunda filha, homem? Também vai deixá-la fugir?’

‘Não! Essa, a minha irmã pediu-a já para o seu filho.’

‘Logo, esta cara de homem indignado é para inglês ver!’

‘Só isso. Se a gente souber toda a verdade hão-de rir-se de mim, pois não?’

‘Nesse caso, porque é que me contou tudo?’

‘Como lhe posso mentir? Se o fizer hei-de sofrer as consequências! Vou fazendo teatro para os outros.

sangtolo?'

'Na! Tika bhoinnin apnnalea choleakhatir poilinch magun dovorlea.'

'Mhonntokuch atam tum ragixtt monxachem nattok kiteak korta tor?'

'Anink kitem korum? Khori khobor lokank sangin zalear lok hanscho na mhaka?'

'Magir hem sogllem tuvem mhaka kiteak sanglem tor?'

'Tuje kodden fott koxem uloum? Tukai fott marit zalear birmot futt'toli! Lokank hanv toretorechim sonvgam korun dakhoitam. Punn tankam khorem kitem tem sangpachi mannsuki asa?'

Poir kitlea tempan Nilluli bail meli mhunn koll'lem. Put logn zala. Punn taka bapaichi il'li-i kodor na. Nillulea tempavele bhatkarui ekek korun somple. Atam Nilluchea gozalinchi konnak koslich umed urunk na. Zog-ui atam bodol'lam. Nillu sod'dea apnnale dhuveger asa. Ti dhuv ji pollun logn zal'li tiger. Ekek khepe mhaka dista, Nilluli dhuv ravta tea ganvant voch'chem, Nilluk mellchem, taka sarko boro pollovcho ani lhovuch taka vicharchem, 'Tuka tugeli dhuv barik tandllamchem xit korun vaddta mure?'

Posso-lhes contar toda a verdade?'

Outro dia, depois de muito tempo, ficámos a saber que morrera a mulher do Nillu. O seu filho casou-se mas não se importa nem um pouco com o pai. Os batecares da época do Nillu também já se foram; hoje, a conversa dele não interessa a ninguém, pois mudaram-se os tempos. De momento, o Nillu vive em casa da filha, a mesma que fugira com o namorado. Às vezes, fico com vontade de ir à aldeia onde vive essa filha do Nillu, e de me encontrar com ele, de o escutar e, discretamente, perguntar: 'A tua filha serve-te o arroz fino, não é verdade?'

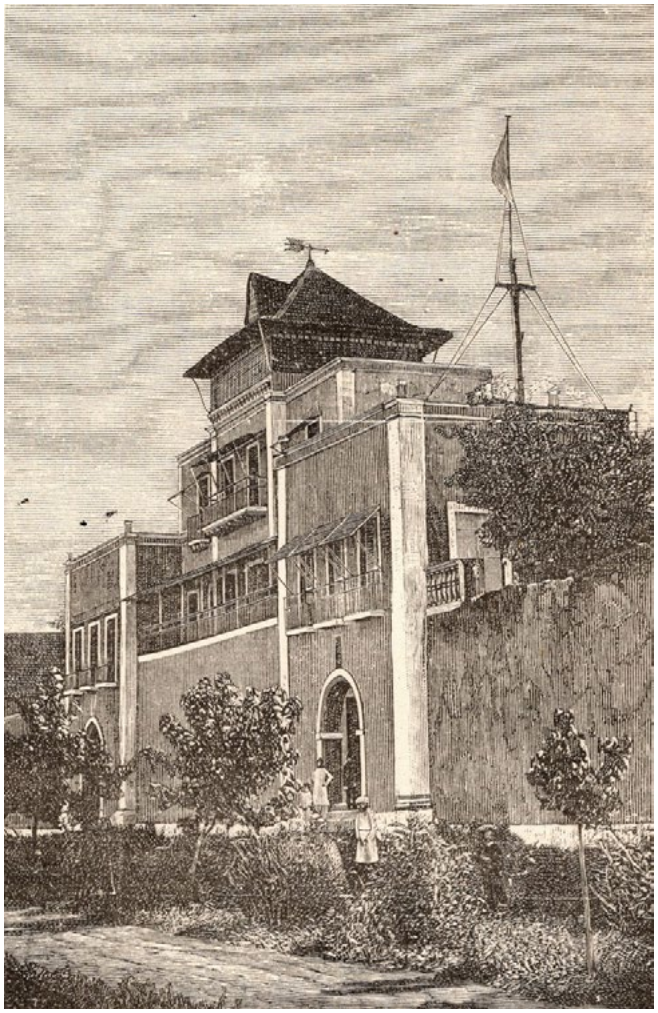
Glossário

1. *Zatrá* = romaria, ou festividade hindu a que concorrem romeiros.
2. *Xigmó* = festividade hindu que marca a chegada da Primavera. Durante esses dias festivos o povo diverte-se com canções, danças e representações teatrais.
3. *Tefllam* = Zanthoxylum rhetsa, especiaria que se encontra em Goa e nos arredores.
4. *Vhoni* = Cunhada, ou seja, mulher do irmão mais velho.
5. *Vhontt* = cesta do casal, que contém presentes para vários familiares e amigos da família.
6. *Nanddi* = Cunhada, ou seja, irmã do marido.
7. *Deuchar* = demónio.
8. *Sur-rontt* = comes e bebes (apas e álcool).
9. Coco = a oferta de coco é praxe em ocasiões auspiciosas.

Notas biográficas | *Biographical Notes*

Sheela Kolambkar (1945-), Bacharel em Letras pela Universidade de Bombaim, é contista premiada e traduzida para várias línguas indianas, além de inglês e português. Foi professora do ensino primário, em Goa, e membro do conselho consultivo (concani) da Sahitya Akademi (Academia Nacional de Letras). Publicou duas colectâneas de contos: *Oli Saanj (1973) e Bhuim Chanfim* (1997). Reside em Bombaim.

Sheela Kolambkar (1945-) holds a BA in Literature from the University of Bombay and is an award-winning short story writer translated into several Indian languages, besides English and Portuguese. She was a primary school teacher in Goa and a member of Sahitya Akademi's Advisory Board for Konkani. She has published two collections of short stories: Oli Saanj (1973) and Bhuim Chanfim (1997). She lives in Bombay.



Torrinha do Palácio de Damão (In: A. Lopes Mendes, *A India Portugueza*, Imprensa Nacional, 1886, Vol. I)

Goa has a 'very powerful, deep and loving connect' with its Portuguese past

– says Portuguese language teacher **Maureen Álvares** with **Óscar de Noronha**, on the monthly chat show Renascença Goa.

Goa tem uma "ligação muito forte, profunda e amada" com o seu passado português

– *diz a professora de português,* ***Maureen Álvares****, em conversa com* ***Óscar de Noronha****, no programa radiofónico mensal Renascença Goa.*

You can access the original chat in Portuguese on Renascença Goa's YouTube channel at:
https://www.youtube.com/watch?v=BRuax1W6O8w

Translated from the Portuguese by Maureen Álvares

Figure 1. Maureen Álvares in a chat with Óscar de Noronha, on the chat show Renascença Goa.

ON: What attracts your students to the Portuguese language?

MA: In fact, when at the very beginning they opt for the Portuguese language, that is, in class VIII, I feel that they do so thinking that it is easier than French or Konkani. Well, initially I used to feel amused to hear these responses: 'Oh, my grandparents used to speak; I adored listening to that.' Or, 'Aunts and uncles that I have in Portugal speak Portuguese. I would like to learn a bit more to be able to communicate better with them.' This is another way in which students are attracted to opt for this language; and, well, with pride, I can say that Portuguese is a language that presents a stage wider than that of any other language. I do not know if Hindi, Konkani or French have the same variety of programmes, like 'Vem Cantar', one of the main ones; Noite de Fado, or the "Skits" that the teachers used to put up; and now many colleges do. St. Xavier's has done it for some years now and we at Loyola's have begun and it is now the fourth year in succession that we are going to present this programme.

ON: You mean the "Lusophone Festival of Art and Culture", don't you?

MA: Yes!

ON: Makes sense... Goa has always been Portuguese-speaking. It really makes sense that they should choose Portuguese, rather than French… How many students do you have each year?

MA: Well, when I began teaching at Loyola, there were 7 students and luckily, the following year the number increased to 18; and we've even had 63 students in a division. Now we have a more 'reasonable' number. We have 38 students in class VIII. It is only that in class X this year we have 58 students that are appearing for the state board exams, SSC.

ON: What activities do you have as a part of the curriculum?

MA: Well, we do not have a lot of time for a lot of things, but we have a hall with a stage and the students of class IX put up small plays, a restaurant scene, for instance. And they do it with a lot of enthusiasm: acting as a waiter with a tray, the food, the drinks... It is interesting. And it is in this way that they sense a common factor in languages. Something very interesting happened when one of my students was answering his exam. I was explaining that Salcete taluka's spoken Konkani had incorporated many Portuguese words. And when the student could not remember the Portuguese word for spectacles, I said they should close their eyes, think, take a small break…. He immediately remembered the word óculos, and used it!

ON: Do you think that the Portuguese music competitions have also contributed a lot in this regard?

MA: Yes, they have! When I take groups to participate (always more than 2-3 groups) in competitions like 'Vem Cantar', for example, it is truly a lot of work. That's because with so many places where I teach, that is, not only at Loyola's, but also at Rosary's, and I also travel to the higher secondary of St. Andrew's, Vasco da Gama, I do feel tired… perhaps it is the age, I do not know.

ON: Well, that's a missionary spirit!

MA: Yes!

ON: But the competitions have helped. For example, 'Vem Cantar' started more than 14 years ago, I think…

MA: That's right.

ON: And there are participants who do not know Portuguese…

MA: Yes! As part of a group from Loyola's, which won the first place, there were only 2 students of Portuguese. Most were students of French.

ON: Therefore, it would perhaps be fair to say that

it is easier to learn the language through music, wouldn't it?

MA: It is true, it makes sense. But in a school like Loyola, it is a bit difficult. Imagine, if we were to listen to music, the entire school would stop. Therefore, listening to music during class is not possible.

ON: But the students can do so privately...

MA: They can and should.

ON: Today we have the internet which helps by giving access to all kinds of music from any part of the world. And thus it is easier. And you, Maureen, always take good groups to contests, competitions, or wherever you go...

MA: This is because the students show interest. Frankly, they are the ones who accept the opportunity, accept the effort, and in this effort I get help from my children: my son and daughter train the students to sing. My daughter, in the area of drama, too, and the students and their parents put in efforts, come over to my home, practice… and this happens almost every evening. There are days when we are working till almost 10 at night. I could not have had better help than from the parents of those students….

ON: So it is not only your individual or personal effort! It is clearly a collective effort, a family effort… The family is always helping you...

MA: Oh, you mean my family! Yes!

ON: As regards conversation… how does it go? Do you feel that by the time the students reach class XII, they are in a position to hold a conversation in Portuguese?

MA: No! And that's simply because they are part of a larger group. And when the group is, for instance, on the playground, they either speak English or Konkani. So to attempt conversational skills amongst them is fine, but most have friends who have opted for French or Konkani.

I've also been fortunate to have a South Indian student who spoke Malayalam. When he came to Goa, he had started speaking in Konkani. He won a prize for Konkani in class V. Just imagine, at 10 years of age, he could speak English, Malayalam, Konkani, Hindi which is mandatory; and in class 8 was already learning Portuguese. So I would love to know what student, in Portugal, or France, or any other place in the world, is able to speak five languages fluently at 10 years or even at 12 or 13 years of age! Not possible.

We are a multi-lingual society. It does not enable develop conversational skills.

ON: Yes, in a polyglot society they often use words from several other languages. There are many influences…

MA: But it is like in any other language, like English or Konkani. Now in the group that is going to class IX, we have Muslim and Hindu students. And how does one enable these students to listen to the language? RTP! If not on television, there are RTP programmes on YouTube as well. They can hear the language there too.

But what helped me a lot – and I say this very often, when have teachers' meetings – is that for students to be able to better connect with the language, they should listen to the Eucharistic service. My suggestion has borne fruit, for it is not the Catholics alone who follow their little missals in English while they listened to a Mass being held in Portuguese…. I found it interesting that the Hindus and the Muslims used to follow the Eucharistic service with greater interest than the Catholics who found it tiresome to attended Mass at church in the morning and later do this exercise at home.

ON: Unfortunately, there are no Portuguese-language newspapers here... but what about your annual school magazine: does it have a Portuguese section?

MA: Students of class X, particularly those of Portuguese, always produce articles like 'My last year in school', 'Goodbye, Loyola!', etc. – always

farewells or memories. But over the years we've received good articles…

ON: That's good… And before we wind up… We've spoken about your students, and now, on a personal note, how did you decide to be a teacher of Portuguese?

MA: Well, I never wanted to be a teacher nor did I think I would ever be one. It probably never made sense when I began, because there was a need for a teacher who could teach both French and Portuguese. When a teacher of Portuguese and who also taught French was going on leave, my sister-in-law, who knew the Principal of Loyola's very well, asked me if I would want to teach. I said I wouldn't mind….

ON: Congratulations! … And how do you divide your time?

MA: Well, it is difficult but when people do like what they do they do not feel that they are limiting their time to one thing or another. Well, cooking is something I don't like to do…

ON: What! Not even Portuguese cuisine?!

MA: Neither. But I love to eat. That's easy, because I have a fantastic family, husband and children who help a lot and are not difficult to please. So it works out.

ON: And how about your Museum? You are vital to its working!

MA: The Big Foot, right? Now it is my daughter who does most of the work, but earlier, when we had just begun, I helped my husband. Of course, the material was always in English.

ON: Do you get a lot of Portuguese tourists?

MA: More of Brazilians. We have a huge family in Portugal, so there are always family recommendations and visitors to Goa always drop by.

ON: Did you ever think of translating the name "Big Foot"?

MA: 'Pé Grande'? No! Frankly the name 'Big Foot' was decided upon by the locals, but its real name is "Ancestral Goa".

ON: 'Pé Grande' or, I would say, 'Pé Gigante'…

MA: 'Pé Gigante', yes, it is! Also, at Big Foot we have made a great effort to present to the public what we are: Goans, and proud of being so, because we have had this very powerful, deep and loving connect with our past, when we had the Portuguese here for so many years.Something interesting happened way back in 2006 when we visited Europe for the first time. We were visiting Aveiro where we went to this pastry shop called "O Peixinho Pequenino". They wanted my husband and me to try out Ovos Moles. While he was packaging the desserts, he said, "Where are you from?" and my cousins answered, "They are our cousins from India. From Goa. And he said, something very curious and beautiful, "With the Goans we have a connect that comes from the womb of our mothers."

ON: Very beautiful. And may this connect continue to flourish and enrich us.

MA: Both sides.

ON: Right! That's all for today, Maureen! Your students are always welcome to our studio for more programmes.

MA: Thank you!

ON: Meanwhile, instead of wishing you 'good luck', let me say: May your students make giant strides...

MA: Thank you!

Entre dois impérios – viajantes britânicos em Goa (1800-1940)

por Filipa Lowndes Vicente

Between two empires - british travelers in Goa (1800-1940)

by Filipa Lowndes Vicente

José Filipe Monteiro

Editor Associado e Fundador da Casa de Goa, Portugal

Associate Editor and Founder of Casa de Goa, Portugalt

Filipa Lowndes Vicente, doutorada pela Universidade de Londres, é investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa na área de história intelectual colonial, dos séculos XIX e XX, sobretudo na Europa e Índia. Na sua obra, contam-se várias publicações, entre elas "Outros Orientalismos: a Índia entre Florença e Bombaim (1860-1900)" e "O Império da Visão: Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1960)".

"Entre Dois Impérios: Viajantes Britânicos em Goa (1800-1940)" foi editado pela Tinta da China em 2015.

No seguimento da conquista de Goa por Afonso de Albuquerque em 1510, foram vários os visitantes europeus que visitaram aquele território, mais precisamente a Velha Cidade.

São conhecidas as crónicas de Jan Huygen van Linschoten "Relato de uma viagem pela navegação dos portugueses no Oriente"; de Charles Delon, "La relation de L'inquisition de Goa"; nas viagens de François Pyrard de Laval, a descrição da sua chegada a Goa e dos hospitais e prisões naquele território; e na "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto.

"Entre Dois Impérios" é uma resenha das crónicas dos altos funcionários da Índia britânica (civis e militares), relatadas no seguimento das viagens que efectuaram ao território de Goa.

É uma obra profusamente ilustrada com fotografias, na sua maioria, de autoria dos fotógrafos Souza e Paul, alusivas às ruínas das igrejas da Velha Cidade, aos primórdios da cidade de Panjim, a eventos históricos e outros aspectos de geografia humana e física do território.

A autora dividiu o livro em duas partes: a opinião dos visitantes de acordo com o seu género, isto é, na perspectiva dos visitantes homens e visitantes mulheres.

De entre os visitantes homens, Richard Burton, oficial da East India Company, narrou as suas impressões sobre o território, no livro "Goa and the Blue Mountains" publicado em 1857.

Outro ilustre visitante de Goa foi o Príncipe de Gales, que viria a abdicar do trono após a morte da Rainha Vitória em 1901. A narrativa da sua viagem em 1875 foi feita por William Howard Russel. No rol de visitantes, e das respectivas crónicas constam vários governadores da Índia inglesa como Lord Ripon (1885), Lord Curzon (1900) e Lord Minto (1902),

dignatários eclesiásticos como o pastor Graham Sandberg e Reverendo anglo-católico, Robert Palmer bem como funcionários da administração colonial britânica como Tom Cringle, entre outros.

A estadia no território, na sua esmagadora maioria era de curta duração e contemplava a visita ao túmulo de S. Francisco Xavier e às ruínas de muitas igrejas da Velha Cidade. Os visitantes ilustres eram recebidos pelas mais altas autoridades portuguesas com recepções que, ao invés do esperado agradecimento eram motivo de escárnio por parte dos convidados ingleses.

Para além dos egrégios visitantes, técnicos ingleses, na área da engenharia civil, responsáveis pela construção do porto de Mormugão e pela linha de caminho de ferro, viajaram e vistoriaram o território durante este período.

As narrativas das visitantes mulheres, Isabel Burton, católica e muito devota de S. Francisco Xavier e Katherine Guthrie, dão uma perspectiva feminina das gentes da terra, dos seus hábitos e costumes.

No seu relato, Guthrie aborda o interesse dos ingleses para contratarem os goeses para o seu serviço, um tema que é retratado no artigo "*Why and How Colonial Britain Recruited Goans?*" da autoria de Philomena e Gilbert Lawrence inserido neste número da revista.

Em comum, quer a Isabel Burton quer Katherine Guthrie fazem uma alusão a possível venda desta colónia portuguesa aos ingleses.

A narrativa feminina que está incluída na primeira parte (perspectiva dos homens) é de Anne Bremmar, esposa do cônsul britânico das "possessões portuguesas na Índia".

Nas suas crónicas faz uma referência detalhada a um episódio que teve lugar na Segunda Guerra Mundial no porto de Mormugão, descrito neste número da nossa revista no artigo de Armand Rodrigues "*WWII Intrigue in Sleepy Goa*".

Em comum, nas crónicas destes ilustres visitantes, a crítica à colonização portuguesa principalmente em relação à miscigenação entre os portugueses e os naturais do território, o que dificultava, no olhar destes visitantes, a distinção entre os hindús (entenda-se, naturais do território) e os europeus, na Índia Portuguesa, ao contrário do que acontecia na Índia britânica.

Essa miscigenação, seria uma das causas do atraso e degradação das condições sociais do território.

No entendimento destes súbditos britânicos, o declínio e a decadência da Velha Cidade tiveram na sua origem várias causas, nomeadamente o poder dos jesuítas, o Tribunal de Inquisição, a peste e as guerras com os principados vizinhos do território, para além da já falada política de miscigenação.

A Índia portuguesa era para estes visitantes um não lugar e devia ser um exemplo de como não governar.

Na minha opinião, um dos aspectos mais relevantes deste livro, é esclarecer o tratado Luso-britânico de 1878. Este acordo foi celebrado no consulado do primeiro-ministro Fontes Pereira de Melo e impulsionado pela acção de Andrade Corvo, Ministro dos Negócios Estrangeiros, que chegou a acumular com a pasta da Marinha e Ultramar de 1872 a 1877.

O tratado, teve uma forte oposição de Constâncio

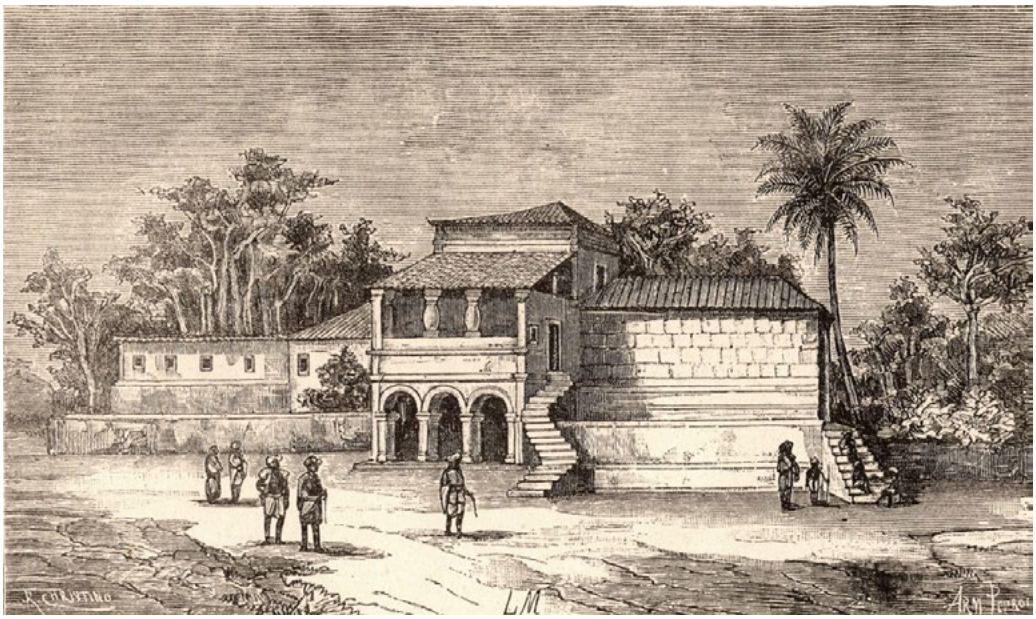
Roque da Costa e Bernardo Peres da Silva, representantes de Goa nas cortes. Na opinião dos mesmos, este acordo subordinava a Índia portuguesa à Índia britânica e, "admitia no nosso próprio país, polícia, fiscalização e até leis inglesas".

De acordo com estes representantes do povo goês, não se criticava o facto de existir um governo colonial, mas antes do seu poder não estar a ser exercido na defesa dos interesses dos seus habitantes.

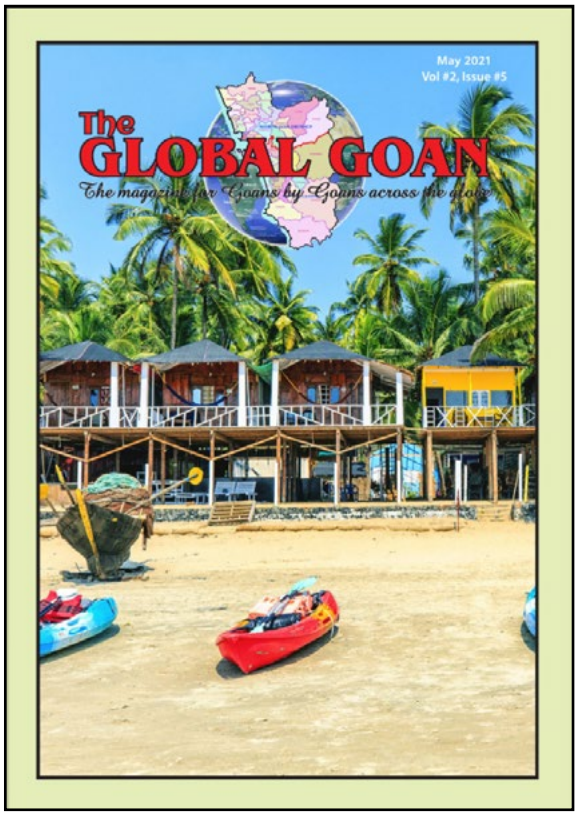
A construção do porto do Mormugão e o traçado da linha do caminho de ferro é um exemplo paradigmático como a Inglaterra colonizou a colónia portuguesa.

É também elucidativo que estas obras foram realizadas com dinheiro emprestado pelos próprios ingleses, que esperavam que Portugal não estivesses em condições de cumprir os encargos e, que em troca, acabaria por entregar o território de Goa à Coroa Inglesa.

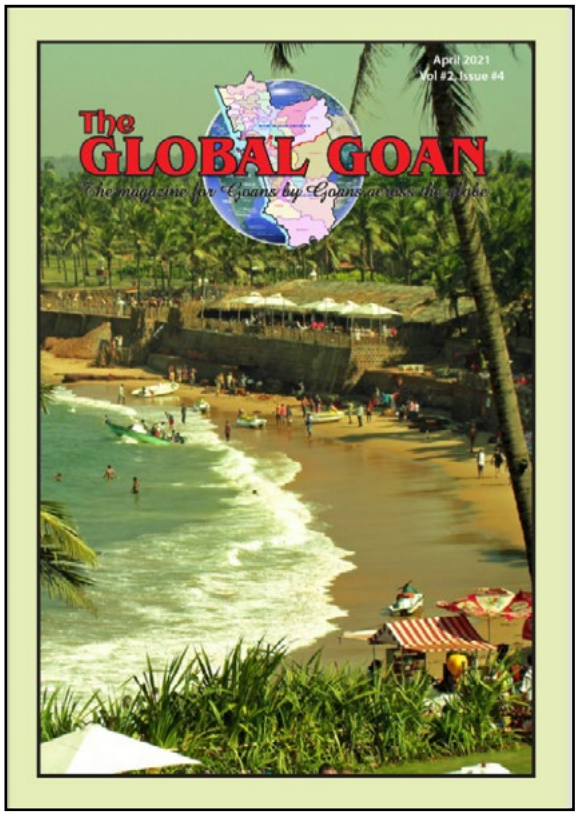
Um excelente livro de Filipa Lowndes Vicente. Merece ser lido por todos os apaixonados pela história de Goa!



Casa do Dessay de Lampagão (In: A. Lopes Mendes, *A India Portugueza*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)



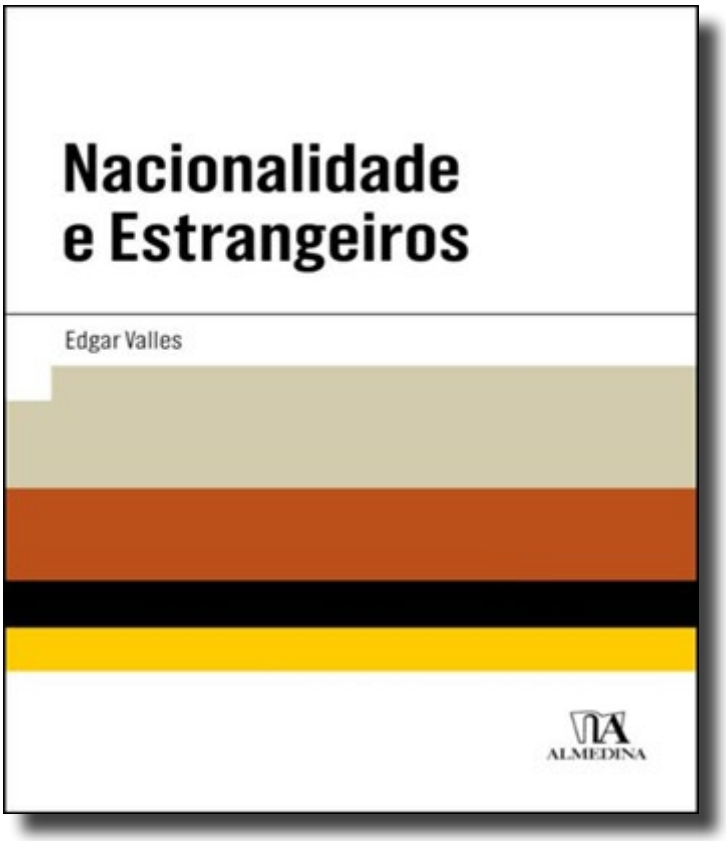
May 2021, vol 2, issue 5



April 2021, vol 2, issue 4

A **Revista da Casa de Goa** iniciou uma parceria editorial com a **The Global Goan**, uma revista online (https://fliphtml5.com/homepage/kdhdu) dedicada à diáspora goesa, editada mensalmente por Salus Correia, em Melbourne, Austrália. A parceria inclui a partilha de artigos, com a autorização dos respetivos autores, e o anúncio dos números mais recentemente publicados pela revista parceira.

*The **Revista da Casa de Goa** started an editorial partnership with **The Global Goan**, a e-magazine (https://fliphtml5.com/homepage/kdhdu) dedicated to the Goan Diaspora, edited monthly by Salus Correia, in Melbourne, Austrália. The partnership includes the sharing of articles, with the authorization of the respective authors, and announcing the latest published issues by the partner magazine.*



"**Nacionalidade e Estrangeiros**", um livro editado recentemente pela Almedina, de autoria do nosso associado Dr. Edgar Vales, antigo Presidente da Mesa da Assembleia Geral bem como da Direcção da Casa de Goa.

É composto por três partes: a primeira versa sobre nacionalidade, a segunda sobre estrangeiros e a terceira contém notas práticas sobre os conexos procedimentos administrativos e contenciosos.

Num dos seus capítulos, referentes a descolonização e novas nacionalidades, faz uma referência detalhada ao antigo Estado da Índia Portuguesa com uma alusão à problemática da nacionalidade portuguesa dos goeses bem como o combate à fraude na aquisição do Passaporte para emigrar.

*"**Nacionalidade e Estrangeiros**", a book recently edited by Almedina, authored by our associate Dr. Edgar Vales, former Chairman of the Board of the General Assembly as well as the Board of Directors of Casa de Goa.*

It consists of three parts: the first on nationality, the second on foreigners and the third contains practical notes on related administrative and litigation procedures.

In one of its chapters, referring to decolonization and new nationalities, it makes a detailed reference to the old State of Portuguese India with an allusion to the problem of Portuguese nationality of Goans as well as the fight against fraud in the acquisition of the Passport to emigrate.